



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PATRICIA SALVIANO DE OLIVEIRA

**CONCLAVE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS OBRAS DE ROBERTO
PAZZI E ROBERT HARRIS**

FORTALEZA

2021

PATRÍCIA SALVIANO DE OLIVEIRA

CONCLAVE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS OBRAS DE ROBERTO
PAZZI E ROBERT HARRIS

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Ceará – UFC – para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira Rodrigues Pereira.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

-
- O49c Oliveira, Patrícia Salviano de.
Conclave: uma análise comparativa entre as obras de Roberto Pazzi e Robert Harris /
Patrícia Salviano de Oliveira. – 2021.
76 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Márcio Ferreira Rodrigues Pereira.
1. Literatura Comparada. 2. Igreja Católica. 3. Conclave. 4. Roberto Pazzi. 5. Robert
Harris. I. Título.

CDD 400

PATRÍCIA SALVIANO DE OLIVEIRA

CONCLAVE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS OBRAS DE ROBERTO
PAZZI E ROBERT HARRIS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em 30/03/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Ferreira Rodrigues Pereira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Yuri Brunello
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª Drª Fernanda Suely Muller
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Vera e Tarcísio, e ao meu irmão Moisés, que foram o alicerce na minha formação e na busca pelos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, que permitiu que todas as conquistas em minha vida se concretizassem.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará, que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Márcio Ferreira Rodrigues Pereira, pela orientação competente e por toda paciência e cuidado com o trabalho.

Aos professores da graduação, principalmente aos do Departamento de Língua Italiana, pelo apoio que sempre me deram, em especial à professora Simone Almeida e ao professor Yuri Brunello.

Aos colegas do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, de maneira especial aos amigos Sâmila Oliveira, Pedro Henrique, Victor Júlio Salviano, Romildo Biar, aqui representando um universo muito maior, que partilharam da conclusão da Licenciatura junto a mim.

Aos professores e professoras que engrandecem o Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará, e que contribuíram de modo significativo para a produção deste trabalho.

Ao Professor Dr. José Leite de Oliveira Júnior, por me ensinar que é possível levar conhecimento ao outro de forma empática.

Aos professores Yuri Brunello e Carlos Alberto de Souza, pelas valiosas contribuições e sugestões como membros da Banca de Qualificação.

Aos professores Márcio Ferreira Rodrigues Pereira, Fernanda Suely Muller e Yuri Brunello membros da Banca de Defesa desta dissertação.

A todos os inúmeros amigos e amigas com os quais a escola em que trabalho me presenteou, em especial às minhas amigas Erilana Furtado, Nágila Oliveira e Rúbia Queiroz, que me apoiaram nos momentos mais difíceis da pós-graduação.

Aos meus alicerces: Vera, Tarcísio, Moisés, Maria, Neco, Cícero e Francisco.

“Em Deus não existe contradição entre a justiça e a misericórdia. Já fomos julgados pela justiça, a misericórdia dirá a mesma coisa.” (SUASSUNA, 2005, p. 137).

RESUMO

A Igreja Católica Romana é uma instituição repleta de tradições e de rituais secretos, como a eleição papal. Esse processo é realizado em completo isolamento e sigilo dos cardeais votantes atrás dos muros do Vaticano. Por esse motivo, o conclave é um ritual ainda capaz de despertar a curiosidade das pessoas, uma vez que os acontecimentos durante as votações podem ser apenas imaginados. Dessa forma, dois escritores contemporâneos, o italiano Roberto Pazzi e o britânico Robert Harris, escreveram obras homônimas que imaginam e narram a eleição de um novo papa, apresentando a estrutura da Igreja Católica no século XXI. Assim, a pesquisa fundamenta-se em autores que abordam a Literatura Comparada, como Sandra Nitrini (1997) e Gentil de Faria (2019), a análise de narrativas, como as teorias do foco narrativo e da personagem de ficção. Logo, com uma metodologia comparatista, em que as obras *Conclave* (2001) e *Conclave* (2016) serão analisadas, o presente trabalho pretende, em um primeiro momento, mostrar as diferenças entre as duas obras, analisando os contextos cultural, social, religioso e os propósitos mercadológicos de cada uma das obras, com ênfase no aspecto visionário da obra italiana e do aspecto revelador sobre as relações de poder que o escritor britânico evidencia em suas obras. Além disso, em segundo momento, este trabalho busca apresentar as influências da obra de Roberto Pazzi na narrativa de Robert Harris e mostrar as semelhanças percebidas entre as duas obras, separadas por um intervalo de quinze anos entre as publicações.

Palavras-chave: literatura comparada; igreja católica; conclave; Roberto Pazzi; Robert Harris.

ABSTRACT

The Roman Catholic Church is an institution full of traditions and secret rituals, such as the papal election. The process is carried out in complete isolation and secrecy of the cardinal voting behind the Vatican walls. For this reason, the conclave is a ritual still capable of arousing human curiosity since the events during the voting can only be imagined. Therefore, two contemporary writers, The Italian Roberto Pazzi and the British Robert Harris, wrote homonymous works that imagine and narrate the election of a new pope, presenting the structure of the Catholic Church in the 21st century. Consequently, the research is based on authors who approach Comparative Literature, such as Sandra Nitrini (1997) and Gentil de Faria (2019), Theory of Literature, with the concept of literality of Jonathan Culler (1999), the analysis of narratives, such as the theories of narrative focus and the character of fiction. As a result, with a comparative methodology, in which the works *Conclave* (2001) and *Conclave* (2016) will be analyzed, this work intends to show the differences between the two works, analyzing the cultural, social, religious and marketing purposes of each of the works, with emphasis on the visionary aspect of the Italian work and the revealing aspect about the power relations that the British writer evidence in his works. Furthermore, with awareness of the obvious differences between styles and works, this work also seeks to present the influences of Roberto Pazzi's work on Robert Harris's narrative and to show the perceived similarities between the two works, separated by a fifteen-year interval between publications.

Keywords: comparative literature; catholic church; conclave; Roberto Pazzi; Robert Harris.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O PROCESSO DE ELEIÇÃO PAPAL	15
2.1	A Igreja Católica no século XXI	15
2.2	A eleição papal	17
3	OS ROMANCES	22
3.1	<i>Conclave</i>, de Roberto Pazzi	22
3.2	<i>Conclave</i>, de Robert Harris	27
4	PAZZI E HARRIS: ANÁLISE DOS ROMANCES	33
4.1	Análise comparativa das obras	33
4.1.1	<i>Intertextualidade, influência e imitação</i>	37
4.2	As aproximações	44
4.3	Os distanciamentos	54
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS	73

1 INTRODUÇÃO

A Igreja Católica é uma organização religiosa baseada no cristianismo e que foi perseguida durante os seus primeiros 300 anos. Segundo Machado (2013), foi durante o Império Romano que a Igreja firmou-se como instituição ao aproveitar-se da fragmentação política que caracterizou os séculos sucessivos à queda do Império de Roma para crescer e difundir suas bases.

Com a ausência de um poder centralizador, o “Império da Fé” ganhou muitos territórios, aliando-se ao Império Carolíngio, período que teve Carlos Magno como seu maior representante e correspondente à última etapa do reino medieval da França¹. Com a proteção de Carlos Magno, o cristianismo expandiu-se e, em posse de um grande controle territorial, começou a pregar que a crença em Cristo pressupunha uma série de regras a serem seguidas por toda pessoa que desejasse um lugar no Paraíso. Além de não pecarem e seguirem os mandamentos, os fiéis eram instruídos a praticar a caridade, que não se limitava à ajuda ao próximo, mas estava diretamente ligada à doação de bens à instituição que representava Cristo na Terra.

As doações feitas pelos fiéis expandem o poderio econômico da Igreja, tornando-a uma das instituições mais poderosas, o que lhe rende lugar de destaque também no campo político. Russo (2016) afirma que no século XII, o papa torna-se o homem mais poderoso do Ocidente, pois possuía terras e ouro, resolvia as disputas entre nobres e abençoava os reis para que tivessem a sua autoridade reconhecida perante à população e aos outros soberanos.

Nesse sentido, a expansão do poder político torna-se o fio condutor de todas as ações e decisões do alto escalão do catolicismo: o papa era coroado como se fosse um monarca e tinha poder sobre toda a Igreja. O historiador Roger Gobbi (2015), citando o Cisma do Oriente², evento que assinalou as diferenças de interesses dentro do catolicismo e dividiu a religião em duas vertentes, a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Católica Ortodoxa, comenta a importância do poder para a Igreja Católica: “Mas é importante não esquecer que a Igreja sempre foi movida por poder. Esse sempre foi o pano de fundo de muitas disputas...” (GOBBI, 2015, p. 13).

¹ Reino bárbaro, formado a partir da destruição do Império Romano, com domínio sobre os territórios da França, Alemanha, Bélgica, Itália e de mais oito países da Europa. Além disso, aliou-se à Igreja Católica com o intuito de fortalecer o poder real e as conquistas territoriais.

² Depois de muitas divergências entre os clérigos de Constantinopla e de Roma, em 1054, há a ruptura definitiva da Igreja Cristã com a excomunhão mútua dos líderes do catolicismo romano e os da Igreja de Constantinopla, dividindo assim, o cristianismo em duas vertentes.

Em meio às disputas, a Reforma Protestante aliada ao Iluminismo, com ideias centradas na razão e que pediam a separação entre Estado e Igreja, deu um duro golpe no poderio da Igreja Católica e enfraqueceu o poder do papa sobre o norte da Europa. Mesmo assim, a instituição ainda consegue manter seu poder sobre um número considerável de fiéis, ancorada em críticas às novas ideias e propondo que houvesse uma sociedade integralmente cristã, o que ajudou a amenizar as perdas de fiéis e a restabelecer o controle sobre as consciências.

No entanto, Camarotti (2013) alega, baseado em conversas com um cardeal, o qual não teve sua identidade revelada, que a Igreja enfrenta uma perda gradual de poder nos últimos 100 anos, principalmente, por consequência de regimes populistas e pelo caráter extremamente conservador de grande parte dos religiosos, o que fez com que muitos fiéis migrassem para outras religiões. Assim, acredita-se que essa redução se justifique pelo fato da Igreja Católica não ter conseguido acompanhar as transformações sociais do mundo moderno, pois ainda possui uma estrutura centralizada, hierarquizada, lenta e muito avessa às modificações.

A situação supracitada pode ser comprovada por uma pesquisa da FGV (Fundação Getúlio Vargas), de 2009, que aponta uma perda de fiéis do catolicismo no Brasil entre as classes baixas das regiões metropolitanas. O estudo indica ainda que as áreas rurais do Nordeste, assistidas por programas governamentais, continuam fortemente católicas, ao passo que a periferia das grandes cidades, que recebem menos assistência dos programas sociais, estaria migrando para o protestantismo e para a irreligiosidade.

Mesmo assim, a figura do Papa e suas opiniões seguem tendo certo peso em algumas decisões políticas tomadas pelas nações, como no caso do Conflito das Ilhas Beagle, em 1978, quando o então papa João Paulo II interveio na disputa entre Argentina e Chile e ajudou nas negociações para que a solução fosse pacífica, evitando uma guerra entre os dois países. E mais recentemente, em 2015, quando o Papa Francisco pediu o fim do embargo imposto à Cuba e atuou para que houvesse a retomada das relações entre Washington e Havana. A atuação de Francisco atenuou as relações entre Cuba e os Estados Unidos. Fellet (2015) afirma que

[...] muitos cubanos são gratos ao papa por sua participação na recente retomada das relações diplomáticas entre Cuba e os Estados Unidos. Após 54 anos de distanciamento e hostilidade, a embaixada cubana em Washington voltou a funcionar em julho, e um mês depois a missão americana em Havana foi reaberta.

Nesse contexto de perda gradual de poder, o historiador italiano Massimo Faggioli³ afirma que a última década caracteriza-se como o momento mais delicado para o catolicismo. O historiador explicita as causas para que a instituição enfrente um momento tão vulnerável:

O momento que a Igreja Católica mundial vive hoje é delicado como poucos na história recente: o primeiro papa que renuncia na era do catolicismo global; o escândalo dos abusos sexuais que pôs em dúvida a credibilidade do testemunho cristão; uma evidente necessidade de reequilibrar as diversas dimensões da Igreja: os equilíbrios geográficos entre Norte e Sul; os equilíbrios teológicos entre ênfases sobre a sexualidade, questões sociais e testemunho de Jesus. (FAGGIOLI, 2013, tradução de Sbardelotto).

Assim, por ser uma instituição com histórico de riqueza e de poder, é possível dizer que seus rituais e sua estrutura ainda instigam a curiosidade das pessoas. Ademais, alguns episódios fizeram com que as atenções se voltassem continuamente para o Vaticano, desde 2012, quando ocorreu o escândalo da divulgação de documentos e de cartas secretas pelo jornal *Il Fatto Quotidiano*, os quais revelavam uma tensão entre Bento XVI e o secretário de Estado do Vaticano, Tarcisio Bertone. Além disso, houve os escândalos sexuais crescentes, com a acusação de que o papa encobria as denúncias; a divulgação de uma possível tentativa de assassinato a Bento; e, por último, a renúncia deste à cadeira de Pedro. Dessa forma, revistas, livros, documentários e filmes dedicaram-se a entender e desvelar alguns dos segredos dessa instituição secular.

Apostando na curiosidade que a Igreja ainda pode gerar, dois escritores do presente século, o italiano Roberto Pazzi (2001), autor conhecido por obras que possuem como marca considerável a fantasia e um caráter visionário, e o inglês Robert Harris (2016), ex-jornalista da BBC (British Broadcasting Corporation) e autor renomado de *best-sellers*, publicam obras ficcionais homônimas, que narram a eleição de um novo papa. Apesar de escritas em momentos distintos, com um intervalo de quinze anos, ambas buscam revelar a seus leitores os segredos de uma eleição papal e propor reflexões sobre a estrutura política da Igreja em seu ritual mais importante.

Este estudo foi pensado após a leitura do romance de Pazzi (2001) em que foi possível perceber elementos interessantes da forma de escrever do italiano. Com a descoberta da obra homônima de Harris (2016), surgiu o interesse em investigar as escolhas feitas pelos dois autores ao elaborarem uma narrativa sobre uma temática pouco comum em romances. Assim, constatou-se, ao ler as duas obras, que seria possível apresentar uma análise que comparasse

³ Professor de história do cristianismo da University of St. Thomas, nos EUA

Conclave (2001) e *Conclave* (2016), buscando identificar como um mesmo assunto, a eleição papal, foi desenvolvida como temática e como narrativa.

Dessa forma, o presente trabalho pretende apresentar uma análise comparativa entre as duas obras supracitadas. Tratando de um mesmo assunto (o conclave), deseja-se neste estudo averiguar como os aspectos histórico, social, religioso e literário de cada autor contribuíram na composição das personagens e na produção de cada uma das narrativas. Além disso, quer-se apresentar os elementos da obra de Pazzi que, possivelmente, influenciaram à escrita do livro de Harris, apontando as similitudes percebidas entre o estilo de escrita dos dois autores.

De início, é preciso lembrar que a Literatura é convidada desde sempre a se posicionar frente às agitadas mudanças enfrentadas pela sociedade, por meio de autores que, ao produzirem obras associadas a esses eventos e marcadas pela diversidade de perspectivas e de ideias, produzem espaços de reflexão. E, se a Literatura permite desvelar os problemas e as contradições da nossa sociedade, as obras citadas anteriormente são demonstrações de como uma obra literária pode expandir a visão de seus leitores. Essa expansão se dá pelo fato de os autores se utilizarem da composição de uma obra literária como meio para imaginar, criar e narrar fatos que aconteceriam dentro do Vaticano, durante a eleição de um novo papa, e apresentá-los aos leitores, uma vez que as rígidas regras de confidencialidade não permitem que muitas pessoas tenham conhecimento daquilo que ocorre durante esse ritual.

No contexto da Teoria da Literatura, a partir da segunda metade do século XX, os estudos teóricos passaram a investigar as relações entre Literatura e sociedade, desvencilhando-se da ideia de que uma obra literária fosse um objeto isolado dentro de uma cultura e de uma sociedade. Tais relações já haviam sido descritas por Aristóteles ao descrever as diferentes representações do homem nas formas poéticas da Grécia antiga.

Essas diversidades podem ocorrer igualmente na arte da dança, na da flauta ou da cítara; bem assim no que tange à prosa e na poesia não musicada. Homero, por exemplo, imitava pessoas superiores; Cleofonte, iguais; Hegêmon de Tasos, o primeiro a compor paródias, e Nicócares, o autor da *Dilíada*, inferiores; o mesmo se diga quanto aos ditirambos e nomos; podem-se criar caracteres como os ciclopes de Timóteo e de Filóxeno. Nessa mesma diferença divergem a tragédia e a comédia; esta os quer imitar inferiores, e aquela, superiores aos da atualidade. (ARISTÓTELES, 2005).

Dessa forma, é possível perceber que desde a Antiguidade clássica, as obras de arte pretendiam explorar a relação com a realidade. Ou seja, não era possível conceber as obras fora do contexto e da realidade em que estão inseridas. Por isso, é importante que o estudo desses romances também considere as relações entre a Igreja e a sociedade no período em que foram compostos.

Com o debate sobre as relações entre a obra literária e a sociedade fortalecido pelos estudos da teoria literária, aumentou-se a quantidade de reflexões que poderiam ser feitas sobre o contexto social e cultural de uma obra. Assim sendo, essa área da teoria literária é de extrema relevância neste trabalho para o entendimento da composição das personagens e das narrativas das obras, uma vez que as personagens tanto de Harris quanto de Pazzi são representações das camadas ideológicas que compõe a Cúria no presente século.

O estudo considera ainda a importância do impacto produzido nos leitores, uma vez que as obras foram produzidas com propósitos diferentes, pois a obra de Robert Harris é publicada com a expectativa, por parte da indústria editorial, de tornar-se um *best-seller*, como aconteceu com a maioria de suas obras anteriores. Ou seja, o sucesso mercadológico pretendido pelo produto teve importância significativa em sua concepção, determinando, desse modo, certas escolhas narrativas por parte do autor. Enquanto isso, Pazzi justifica a produção de seu *Conclave* (2001) como um meio que ele, como católico e italiano, usou para criticar as relações entre a Igreja e o Estado. Além disso, o estudo entende que a obra de Pazzi foi utilizada ainda para propor reflexões acerca da condição humana.

Além disso, este trabalho leva em consideração os estudos de Literatura Comparada que, além de relacionar obras de escritores distintos, considerando suas particularidades, nos últimos anos

[...] ramificou-se, ampliando seu campo de forma a dar conta das relações entre culturas distintas, bem como dos diferentes extratos culturais de uma mesma comunidade discursiva identificada sob a égide da categoria nação. (ALÓS, 2012).

Dessa forma, como este estudo pretende apresentar uma análise que compara obras escritas por autores distintos, em períodos e em países também diferentes, os estudos de Literatura Comparada auxiliaram a análise, principalmente, no que diz respeito ao conceito de intertextualidade, que será explicado no capítulo 3, com o qual pretende-se apresentar as aproximações e as distinções dos autores ao imaginar e criar uma narrativa sobre uma eleição papal.

A partir dos conceitos de intertextualidade e de influência, com base na Literatura Comparada, o estudo investigou a existência ou não de influências de *Conclave* (2001) no romance de Robert Harris ou se *Conclave* (2016) poderia ser classificado como uma cópia do romance de Pazzi.

Logo, a metodologia aplicada para a realização dessa pesquisa foi analítico-descritiva e seu suporte teórico passa por um criterioso levantamento de textos pertinentes ao tema, com

leitura bibliográfica e revisão de literatura de artigos científicos, dissertações, teses, livros e estudos descritivos e analíticos sobre o assunto. Ademais, tem-se o estudo de textos de autores que abordam a Literatura Comparada, como Sandra Nitrini e Gentil de Faria, sobre a análise literária, com o conceito de literariedade, de Jonathan Culler, sobre o gênero *best-seller*, com Muniz Sodré e Halime Musser Prado Henrique. Além disso, também foram estudadas sobre religião, com obras sobre o processo da eleição papal, como a de Allen Jr., e análise de narrativas, como a teoria do foco narrativo, com autores como Norman Friedman e a distinção entre literatura de proposta e literatura de entretenimento, de Umberto Eco.

A primeira seção deste trabalho apresenta um plano geral do assunto debatido nos dois romances, pois o assunto retratado nas duas obras analisadas ainda é pouco conhecido pelos não-especialistas nos rituais da Igreja Católica Romana. Na segunda seção, faz-se uma apresentação dos autores e das obras analisadas, uma vez que ainda não foram estudados de modo significativo no Brasil. No terceiro capítulo, são expostos os conceitos teóricos utilizados na análise bem como as percepções obtidas durante a investigação das duas obras. Por fim, as considerações finais relatam e explicam as conclusões a que se chegou por meio do estudo e se as hipótese de influência e/ou imitação foram comprovadas ou não.

2 O PROCESSO DE ELEIÇÃO PAPAL

Neste primeiro capítulo, considerou-se relevante apresentar um panorama dos princípios que compõem a eleição papal, pois há uma recorrência de citações às partes e às regras do ritual nas duas obras. Assim, as informações sobre o processo ritualístico que compõem o capítulo são baseadas no livro *Conclave* (2002), de Allen Jr.⁴. Antes de iniciar essa apresentação, faz-se pertinente ainda uma breve contextualização da situação da Igreja Católica no presente século.

2.1 A Igreja Católica no século XXI

O estudo entende ser importante, para garantir uma melhor compreensão das obras de Pazzi (2001) e de Harris (2016) analisadas neste trabalho, apresentar um breve panorama que explique a situação da Igreja Católica no século XXI. Essa contextualização pretende informar sobre os principais desafios enfrentados pela instituição no momento em que as obras são publicadas.

De início, destaca-se o fato da Igreja Católica Apostólica Romana perder seu líder máximo, com a morte de São João Paulo II, em 2005. Logo, a Cúria enfrenta seu primeiro desafio: a necessidade de eleger um papa que fosse capaz de manter a linha pastoral e política adotada nos últimos 25 anos. Além disso, o fim do eurocentrismo eclesial aliado ao avanço da concorrência simultânea de novas religiões, como o islamismo, são desafios enfrentados pelo catolicismo também neste início de século.

Segundo Azevedo (2003), a crise da fé, citada acima, pode ser justificada pelo fato da sociedade moderna apresentar uma distinção “entre as pessoas, suas atividades e seus conhecimentos, com base na razão, na separação entre Igreja e Estado e no laicismo.” (p. 61) Assim, o conceito de indivíduo e de individualismo são as principais referências da modernidade, o que contrasta com a visão cristã e católica, segundo a qual a interação do ser humano com a natureza e com outros seres humanos só existe porque há um princípio superior, uma religião ou algum tipo de espiritualidade.

Nesse contexto, Azevedo afirma ainda que

Internamente, a Igreja continua a enfrentar temas polêmicos, tais como o controle da natalidade, o celibato obrigatório para o clero, o reaproveitamento dos padres casados nas atividades eclesiais, o acesso das mulheres ao sacerdócio, a ordenação de homens casados, as questões de gênero e da homossexualidade, o diálogo ecumênico e inter-

⁴ Jornalista americano especializado em noticiários sobre a Igreja Católica.

religioso, o casamento de católicos divorciados e sua participação nos sacramentos e na comunidade católica, as mudanças na liturgia e as inovações científicas, incidindo especialmente no campo da bioética. (2003, p. 57)

Assim, é possível perceber que, mesmo após o Concílio Vaticano II (1962-1965), conferência que buscou propor a renovação e a adaptação da Igreja Católica às chamadas questões modernas, ainda persiste a contradição entre os valores modernos e as estruturas e as práticas da instituição.

Segundo Silva (2013), a eleição de Ratzinger como sucessor de João Paulo II trouxe esperança para a religião, mesmo em meio a tantas questões preocupantes, pois o pontificado de Bento XVI seria marcado por uma maior atuação em defesa da fé do que na sua condição de professor e de intelectual capaz de abrir novos horizontes para os seus irmãos.

No entanto, em meio ao pontificado do alemão, ressurgem as denúncias de abuso sexual contra religiosos católicos, com a grave acusação de omissão de Bento XVI frente aos crimes. Além disso, o IOR (Instituto para as Obras Religiosas), nome oficial do banco do Vaticano, enfrenta uma investigação do Estado Italiano sobre um possível favorecimento à lavagem de dinheiro, o que é comprovado, em 2013, após três anos de investigação.

Ademais, em 2012, ocorre o escândalo *Vatileaks*, como ficou conhecido o vazamento de documentos secretos do Vaticano, que revelam a existência de uma ampla rede de corrupção, nepotismo e favoritismo nos contratos com preços inflacionados entre a Igreja e os seus parceiros italianos. O escândalo explode quando o jornalista italiano Gianluigi Nuzzi publica cartas de Carlo Maria Viganò, segundo administrador do Vaticano naquele momento, nas quais implorava para não ser transferido por ter exposto a corrupção. Em meio a essa crise, surge ainda uma carta anônima alertando sobre uma possível ameaça de morte contra Bento XVI.

O ano de 2012 foi, sem dúvidas, o mais conturbado para a Santa Sé neste século e reservava ainda mais uma turbulência: a publicação do livro *Sua Santidade, as Cartas Secretas de Bento XVI*, de Gianluigi Nuzzi. A obra divulga cartas confidenciais e memorandos entre o Papa Bento XVI e seu secretário pessoal, expondo as intrigas e os confrontos entre facções secretas dentro do Vaticano. Além disso, revela detalhes sobre as finanças pessoais de Ratzinger e inclui histórias de subornos feitos para obter uma audiência com ele.

Em 2013, um ano após o início da crise descrita acima, Bento XVI anuncia sua renúncia ao papado, o que o tornou o primeiro papa a abdicar do posto desde o papa Gregório XII, em 1415. Silva (2013) afirma que

A renúncia de Bento XVI desconcertou a todos e abriu espaço para que, finalmente, tivesse início o terceiro milênio, que vem sendo construído enquanto a Cúria Romana

vai sendo modificada. Não como o fez João Paulo II, com seu carisma e maneira centralizadora e imperial de governo, mas com a lenta paciência de um quase mestiço latino americano, o papa Francisco I, um discípulo de Francisco Sales⁵. (p.19)

Após vinte anos desde ‘o início do século, a situação pouco mudou, uma vez que a sociedade continua a vivenciar inúmeros desafios, como as mudanças político-sociais, a hegemonia de um modelo econômico excludente, que gera o crescimento da pobreza em escala mundial, a crise da fé, o relativismo religioso, a questão ambiental, entre outros. Todas essas temáticas são também questões de preocupação para a Cúria, que precisa posicionar-se sobre elas frente aos seus fiéis.

O estudo entende, então, que as obras foram publicadas em um período de grande instabilidade para a religião desde o final do século XX e início do século XXI. Portanto, algumas dos desafios e das discussões apresentadas nesse breve panorama serão abordados por Pazzi e por Harris em seus romances.

2.2 A eleição papal

Após a contextualização sobre os desafios, as fragilidades e as características que definem a Igreja Católica do presente século, o estudo apresentará as informações sobre o processo ritualístico de um conclave.

Há muitos séculos, a Igreja Católica Apostólica Romana usa um processo chamado *conclave* para eleger seu representante máximo: o papa. A origem do nome vem de duas palavras latinas (*cum; clave*) que significam “*com chave*”, ou seja, é possível perceber que os acontecimentos mais importantes do processo de eleição papal se dão “a portas fechadas”.

O conclave acontece após a renúncia ou a morte de um papa e é um ritual praticamente inalterado desde que o Papa Gregório X usou pela primeira vez a palavra em 1274, instituindo a base dos atuais conclaves, por meio da constituição apostólica *Ubi periculum* (Em caso de perigo), documento que estabeleceu o conclave papal como método de seleção de um Papa. O processo foi instaurado por conta da demora em escolher um sucessor para o Papa Clemente IV, que deixou a Igreja Católica sem um pastor por mais de um ano e meio. Dessa forma, Gregório X quis prevenir que a escolha do Sumo Pontífice demorasse tanto, obrigando que a reunião dos cardeais para a escolha fosse conclusiva. Assim, “um conclave é um acontecimento

⁵ Francisco Sales é considerado santo e doutor da Igreja Católica Romana, conhecido por sua profunda fé e por manter uma abordagem gentil diante de conflitos religiosos.

cercado de lendas que mistura de forma inigualável teatro e mistério, política e oração” (Allen, 2002), elementos que serão observados pelos autores nas obras analisadas neste trabalho.

Assim que ocorre o falecimento ou a renúncia de um Papa, o posto de líder máximo da Igreja Católica Apostólica Romana é considerado *vacante* (vago) até que se eleja um novo pontífice. Em caso de morte, o falecimento deve ser verificado pelo médico do papa morto e o cardeal camerlengo, responsável por administrar a Igreja durante o período de Sé Vacante, deve tomar algumas providências exigidas pela tradição.

No que diz respeito à tradição, quando morre um papa, todos que exercem funções administrativas na Cúria perdem seus cargos, com exceção do camerlengo⁶, do vigário de Roma⁷ e do líder da Penitenciária Apostólica⁸. Durante o período em que a cadeira de Pedro está *vacante*, os assuntos da Igreja são entregues ao cardeal camerlengo, que fica responsável por, junto ao corpo, chamar o papa três vezes por seu nome de batismo a fim de garantir sua morte.

Ademais, ele deve bater, com um pequeno martelo de prata, na testa do papa morto e, quando este não reagir, dizer de modo ritual que o papa morreu. As regras exigem ainda que o processo de certificação da morte deve ser feito na presença do mestre de cerimônias litúrgicas pontifícias, do secretário-chanceler e de preladados da Câmara Apostólica e do departamento da Cúria responsável pelos negócios financeiros e administrativos dos Estados Papais.

Ainda segundo Allen (2002), após a confirmação do falecimento, o camerlengo deve usar o martelo de prata para desfigurar e esmagar o *pescatorio* (“anel do Pescador”, símbolo da autoridade do papa)⁹, notificar a morte ao vigário de Roma, para que este dê a notícia ao povo, e informar ao decano para que comunique o falecimento aos demais cardeais. Tal ritual ainda é praticado na atualidade. Ademais, o papa deve ser enterrado com seu anel episcopal de ouro, como símbolo de seu papel de bispo da Igreja, seus aposentos devem ser esvaziados e a residência papal será lacrada até que se eleja um novo papa.

Além do falecimento, há também a possibilidade de renúncia, a qual está prevista no artigo 332.2 do Código de Direito Canônico¹⁰ e estabelece que, para a abdicação ter validade,

⁶ Administrador da propriedade e receita da Santa Sé, responsável pela administração fiscal do patrimônio da Igreja.

⁷ O cardeal que exerce a função de bispo diocesano de *facto* da cidade de Roma.

⁸ Responsável pelo tribunal que concede as absolvições, as dispensas, as comutações, as sanções, as remissões e outras graças.

⁹ Tradição desde o século XV, quando o anel era usado para lacrar com cera documentos oficiais do Pontífice. Em caso de roubo ou perda do anel, havia a possibilidade de documentos falsos serem atribuídos ao Papa, principalmente no período de vacância da Santa Sé.

¹⁰ Conjunto de normas jurídicas que regulam a organização da Igreja Católica Romana, a hierarquia do seu governo, os direitos e as obrigações dos fiéis e o conjunto de sacramentos e de sanções que se estabelecem pela contravenção das mesmas normas.

é preciso que seja de livre e espontânea vontade. Ainda segundo o código, depois de renunciar ao cargo, o papa não pode voltar atrás. Nesse caso, assim que o pontífice abdica, começa o período de *Sé Vacante* e, ainda segundo as regras da Igreja, o Conclave deve começar em um período de 15 dias após a renúncia. Durante esse período, os assuntos da igreja ficam sob a responsabilidade do camarlengo.

Pouco tempo após a morte ou a renúncia do papa, os cardeais recebem avisos convocando-os à Roma, onde se respeitam nove dias em que são feitas orações pelo último papa. Desde 1179, o direito de participar da eleição é exclusivo dos cardeais, com exceção dos que tenham completado 80 anos antes do anúncio da morte ou da renúncia. Além disso, o conclave deve ocorrer, obrigatoriamente, no Vaticano, mais precisamente na Capela Sistina, com total isolamento e segredo e o número de cardeais votantes não pode ultrapassar 120.

Depois da convocação dos cardeais e do período de luto dedicado ao papa morto, o conclave começa a ser preparado para ter início sem ultrapassar o limite de vinte dias. Ademais, o Vaticano deve oferecer um ambiente de total isolamento para garantir a discricção e o mistério exigidos para este ritual.

O último ato do período pré-conclave é a celebração da missa *Pro Eligendo Papa* (para a eleição do Papa) na manhã do dia em que se inicia o conclave e da qual participam todos os cardeais. Após a liturgia, os cardeais reúnem-se na Capela Paulina, onde cantam em latim o *Veni Creator* (hino católico em honra ao Espírito Santo), invocando a presença e a intercessão do Espírito Santo e seguem, depois, em procissão até a Capela Sistina. É possível que a procissão seja transmitida pelos meios de comunicação, mas as normas de sigilo começam quando os votantes chegam à Sistina.

Assim, o segredo absoluto sobre tudo quanto diz respeito às sessões do conclave é exigido de todos os cardeais votantes. Logo, estes são proibidos de se comunicarem com o exterior por qualquer meio. Além disso, a regra do sigilo é extensiva ainda a todas as pessoas que prestam apoio técnico ou logístico às sessões, com punições fortes, podendo haver até a excomunhão daquele que passar informações ao mundo fora dos muros do Vaticano.

Ao chegarem à Capela Sistina, os cardeais eleitores fazem um juramento, em grupo, no qual prometem seguir as regras de procedimento determinadas e, em seguida, por ordem de antiguidade, cada cardeal jura individualmente, com a mão sobre o Evangelho. Após o juramento individual, todos, com exceção dos cardeais e de alguns indivíduos escolhidos para auxiliarem a sessão, devem sair da Sistina.

O decano do Colégio dos Cardeais questiona se ainda existem dúvidas a serem esclarecidas sobre as normas e os procedimentos determinados para a eleição, em uma última oportunidade

para que as regras sejam explicadas. Caso haja dúvidas, estas devem ser esclarecidas e se houver tempo, realiza-se uma primeira votação.

Nos dias posteriores, devem ser realizadas duas votações no período da manhã e duas votações à tarde. A votação é um processo complexo e minuciosamente regido por normas. Divide-se em três fases: o pré-escrutínio, o escrutínio e o pós-escrutínio.

O ritual segue as regras estabelecidas, conforme descreve Allen (2002). Assim, no primeiro momento, cédulas são entregues aos cardeais eleitores, cartões nos quais a frase “*Eligo in summum pontificem*” (Elejo como sumo pontífice) aparece no alto com um espaço que deve ser preenchido com o nome do candidato escolhido. Depois da distribuição das cédulas, são sorteados nove nomes: três nomes para escrutinadores, aqueles que farão a contagem dos votos; três nomes para revisores, aqueles que fiscalizarão o trabalho dos escrutinadores; e três nomes para os *infirmarii* (enfermeiros), aqueles que recolherão os votos dos incapazes de votar sozinhos.

Na segunda fase, os cardeais, que já devem ter escrito um único nome na cédula, vão em procissão até um altar da Capela Sistina, onde devem ajoelhar-se para um momento de oração e, antes de colocar a cédula no cálice, invocar em latim Cristo Senhor como testemunha de seu voto. Depois que todos os votos são depositados, o primeiro escrutinador sacode o cálice, o último escrutinador tira e conta as cédulas sem abri-las para verificar se o número de votos corresponde ao número de eleitores. Se os números não corresponderem, as cédulas são queimadas sem serem abertas.

Se os números corresponderem, começa a contagem dos votos com os dois primeiros escrutinadores anotando em silêncio e com o terceiro escrutinador lendo o nome escrito na cédula em voz alta. Depois de ler o nome, o último escrutinador passa uma agulha com linha em cada cédula para que, no final da contagem, a linha seja amarrada com um nó e as cédulas sejam postas, todas juntas, em um lado da mesa.

No terceiro momento, os escrutinadores somam os votos e se nenhum cardeal tiver recebido dois terços do total de votos, o papa ainda não foi eleito. Mesmo sem a eleição de um papa, os revisores devem analisar as cédulas e as anotações dos escrutinadores para certificar que a contagem foi correta. Se a primeira votação não for conclusiva, realiza-se a segunda votação de forma imediata (exceto na tarde do primeiro dia). Depois das duas votações, as cédulas devem ser queimadas pelos três escrutinadores acompanhados por um clérigo nomeado previamente como secretário do conclave e pelo mestre de cerimônias. Assim, as “*fumatas*”, fumaça que sai da chaminé instalada numa estufa na Capela Sistina, são o sinal dado ao mundo exterior de um processo conclusivo ou não. Têm-se, então, duas opções: a fumaça negra que

indica que nenhum papa foi eleito e a fumaça branca, informando que a Igreja Católica Romana tem um novo papa.

Logo que um dos cardeais receber os votos suficientes para ser eleito novo papa da Santa Igreja Católica, os cardeais aplaudem a escolha, o cardeal diácono convoca o secretário do Colégio dos Cardeais e o mestre-de-cerimônias litúrgicas pontifícias e o decano devem perguntar ao cardeal escolhido se ele aceita o cargo de sucessor de Pedro. Ao responder positivamente, o cardeal torna-se, oficialmente, o novo papa. Ademais, o decano deve questionar sobre o nome que usará e, após a escolha, o novo papa recebe o ato de obediência de todos os cardeais. Pouco depois, da varanda da Basílica de São Pedro, a novidade é anunciada com a célebre frase: “*Habemus Papam!*” (Temos Papa).

3 OS ROMANCES

Após a apresentação do ritual e de suas regras, feitas no capítulo anterior, este capítulo do estudo fará uma apresentação das obras analisadas durante o estudo e de seus autores, expondo ainda informações relevantes para evidenciar os estilos dos dois escritores estudados.

Assim, é importante expor algumas considerações sobre os autores e as obras que estão sendo analisadas neste trabalho, uma vez que foram pouco estudados no Brasil. Além disso, apresentar os romances que são objetos de estudo deste trabalho.

3.1 *Conclave*, de Roberto Pazzi

Segundo informações retiradas do *Italian Poetry*¹¹, Roberto Pazzi é um poeta, escritor e jornalista italiano que vive em Ferrara, na região da Emília-Romanha, onde fundou, em 2014, a escola de escritura criativa chamada Itaca. Frequentou o Liceo Ariosto, graduou-se em Letras, lecionou Antropologia Cultural e Filosofia da Arte, na Universidade de Ferrara e Sociologia da Arte e da Literatura, em Urbino. Traduzido em mais de 20 idiomas, estreou na poesia com uma coleção, organizada por Vittorio Sereni e publicada em 1970, na revista “Arte e Poesia”. Entre outras publicações de poesia, tem-se *Calma di vento* (Garzanti, 1987, Premio Montale), *Il filo delle bugie* (Corbo, 1994), *La gravità dei corpi* (Palomar, 1998) *Talismani* (Marietti, 2003) e *Felicità di perdersi* (Barbera, 2013).

Como romancista, a estreia acontece em 1985 com *Cercando l'imperatore*, que reconta a história da família imperial russa. O romance foi traduzido em 12 idiomas e ganhou o Prêmio Bergamo, o Hemingway e o Campiello Selection Award. Além disso, com este livro, Roberto Pazzi foi colocado pelos críticos na linha fantástica e visionária da narrativa italiana por compor obras que pretendem ultrapassar os limites do real ou ainda fantasiar narrativas alternativas. Além disso, o próprio Pazzi¹² afirma entender a visionariedade como a capacidade dada ao leitor, pela obra, de uma nova visão do mundo, de imaginar cenas e situações que rompam com a realidade existente. Depois de um início com tanto sucesso, Pazzi publica mais de 20 romances e sua última publicação aparece em 2019, com o livro *Verso Sant'Elena*, publicado pela Bompiani.

Além das atividades de poeta e romancista, Roberto Pazzi colaborou durante 12 anos, de modo exclusivo, com o *Corriere della Sera*. Atualmente, escreve para vários jornais italianos,

¹¹ Site italiano dedicado a autores e à produção poética italiana.

¹² Pazzi em entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KIuNcteAPOI>

como *Il Giorno* (Milão), *Il Resto del Carlino* (Bolonha) e *La Nazione* (Florença), também é colaborador do *The New York Times*.

Por tudo que foi citado anteriormente, é possível perceber que o escritor tem uma produção bastante significativa para a literatura italiana, com obras traduzidas em 26 idiomas, o que evidencia o quanto seu estilo encanta leitores de todo o mundo. O aspecto visionário de suas obras faz com que elementos da narrativa fantástica sejam usados frequentemente pelo escritor, uma vez que este acredita que as obras literárias devem ser capazes de despertar o sonho em seus leitores, fazer com que “sonhem de olhos abertos”, pois a realidade já é árdua e violenta o suficiente. Em uma de suas entrevistas¹³, o escritor critica o fato das obras contemporâneas retratarem apenas a realidade, com vícios, fraquezas, violência, desesperança, e não usarem um pouco da ilusão e do sonho em suas narrativas.

A obra de Pazzi foi publicada durante um dos pontificados mais longos e aclamados da Igreja Católica Romana, o do Papa João Paulo II, talvez o líder religioso mais atuante e influente do século XX, pois proporcionou, segundo Silva (2012), uma melhor relação entre a Igreja Católica e as outras religiões, como o judaísmo e o islamismo.

No contexto de um pontificado consolidado e estável, Roberto Pazzi produz uma obra que aborda a eleição de um novo Papa. Segundo publicação do site *Culture Elite*, a obra transforma-se em um dos livros de maior sucesso do escritor, traduzida em 23 idiomas e recebendo cinco dos mais importantes prêmios literários da Itália: Scanno, Comisso, Superpremio Flaiano, Stresa, Zerilli Marimò, da New York University e Rapolano Terme.

O livro imagina a atmosfera de dentro dos muros do Vaticano, narrando o que acontece quando 127 cardeais da Igreja Católica se reúnem para eleger um novo Papa, momento extremamente sigiloso em que se revelam as disputas políticas, geralmente escondidas do resto do mundo. Reunidos em Roma, os cardeais não conseguem entrar em consenso sobre o sucessor de Pedro. Assim, o tempo vai passando, o mundo exterior torna-se impaciente com a demora, os políticos ligam para pressionar por uma decisão, a imprensa começa a demonstrar desinteresse e algumas igrejas já pensam em eleger seu próprio papa por conta da lentidão dos cardeais em fazer uma escolha.

Assim, com o passar dos meses, alguns acontecimentos fazem com que surjam dúvidas sobre a presença do Espírito Santo durante o processo de escolha: mortes inesperadas, como a do arcebispo do Rio de Janeiro, pragas de animais que precisam ser combatidas com outras

¹³ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KIuNcteAPOI>

espécies, algumas magias, tentativas de fuga e a dúvida sobre a própria fé que assombra o cardeal Ettore Malvezzi, personagem que será o fio condutor da narrativa.

Dessa forma, Pazzi escreve uma obra que não aborda apenas o “quem será eleito?”, mas que questiona “por que alguém deve ser eleito?”. Como dito em resenha publicada no *The Washington Post*:

Conclave é uma especulação de outro tipo, não tanto sobre quem será eleito, mas por que alguém deve ser eleito. Uma fábula satírica escrita no espírito do realismo mágico, com todos os seus afloramentos surrealistas, o romance imagina uma reunião futura, ou conclave, para eleger um novo papa verdadeiramente capaz de enfrentar os desafios do mundo moderno, mas mantendo as crenças tradicionais da Igreja Católica.¹⁴ (STEINFELS, 2003, tradução nossa)

No entanto, durante a leitura de *Conclave* (2001), foi possível perceber que o escritor, apesar de usar sua obra também para propor uma crítica à Igreja, parece mais empenhado em propor uma reflexão sobre a condição humana como um todo. E faz do conclave, com os espaços luxuosos do Vaticano e seus poderosos cardeais, uma espécie de pano de fundo para representar a sociedade, no geral.

Escrita com atenção aos detalhes e à história, a obra divide-se em fantasia e realidade, inserindo informações detalhadas, principalmente no que diz respeito às tradições do catolicismo, e transforma um dos mais antigos rituais da Igreja Católica em uma “indiscreta radiografia do Vaticano e dos graves problemas que, há anos, enfrenta a Igreja.”¹⁵ (Padró, 2012).

A personagem principal da narrativa, como já afirmado, é Ettore Malvezzi, cardeal de Turim, que, já nas primeiras páginas, confessa estar hesitante quanto à própria fé em Cristo e na Igreja. É pelo olhar de Malvezzi que somos apresentados aos outros cardeais e aos acontecimentos que se desenrolam durante o conclave.

As disputas políticas são evidentes, mas as campanhas são feitas de forma equilibrada e sigilosa. De um lado, os italianos que veem a oportunidade de retomar seu lugar de prestígio na Europa com a figura de um papa italiano. Do outro, os africanos, representantes da esperança do primeiro papa negro da Santa Igreja, mas que enfrentam o receio dos cardeais em eleger um papa negro por medo das mudanças que essa eleição provocaria na Igreja.

¹⁴Traduzido do inglês: “*Conclave* is a speculation of another sort, not so much about who will be elected but why anyone should be elected. A satiric fable written in the spirit of magic realism with all its surrealistic outcroppings, the novel imagines a future gathering, or conclave, to elect a new pope truly able to meet the challenges of the modern world yet holding to the traditional beliefs of the Catholic church.”

¹⁵Traduzido do espanhol: “[...] indiscreta radiografia del Vaticano y dellos graves problemas que, desde hace años, enfrenta la Iglesia”

Além desses, tem-se os representantes de países como a Palestina e o Iraque, com menos expressividade e que provocariam uma grande revolução, caso fossem eleitos, e aqueles dos países do continente americano, que apesar do grande prestígio político dos Estados Unidos, não são considerados sutis o suficiente para comandar a Igreja de Cristo.

À medida que crescem os acordos e as disputas entre as alas mais poderosas, os cardeais ficam mais longe de uma escolha definitiva. A solidão, a clausura e a pressão para encontrar um sucessor a qualquer custo fazem com que ocorram episódios estranhos e que uma crise se instale por trás dos muros do Vaticano: cardeais morrem, outros alegam doença e não comparecem às votações, fugas planejadas e executadas sem sucesso, ratos e escorpões devorando as obras de arte do acervo da Igreja, um cardeal desaparece antes de uma votação, a instalação de um banho turco e de uma sauna para que os cardeais possam relaxar e esquecer um pouco o sofrimento causado pelo isolamento e, o principal, o pensamento que Cristo abandonou sua Igreja.

Entende-se, assim, que “A batalha entre o bem e mal está empatada; só pode ser resolvida com a eleição de um novo papa. Haverá um?”¹⁶ (Steinfels, 2003). Por fim, a natureza manifesta-se como a última turbulência que o conclave enfrentará. Uma tempestade abala a cidade de Roma e, durante dois dias, a cidade é assolada por uma constante chuva e por ventos que forçam as janelas e ameaçam derrubar monumentos.

Considerando que, na simbologia cristã, Deus usou o dilúvio como forma de varrer o pecado da Terra, na conhecida história de Noé e sua arca, a chuva é colocada no romance como a última ameaça que o conclave sofrerá antes de eleger o novo papa.

[...] quem capta naqueles sinais extraordinários da natureza a graça de amadurecer com os eventos em vista da solução dessa insuportável espera que se consome no Vaticano é o cardeal Ettore Malvezzi. Sentado perto da sua janela ainda firme diante da violência do vento, sente que a fúria da morte que se abateu sobre Roma é o último insulto do príncipe das trevas, antes de dar-se por vencido. (PAZZI, 2001, p. 217)

Depois de meses de votos fracassados e sem uma escolha definitiva, o fim da história é provocado pelo acontecimento de um milagre em meio a tantas pragas, erros, incertezas e reflexões: na noite de Natal, todos os cardeais têm o mesmo sonho e lhes é revelado que os dois presbíteros que auxiliam na condução do conclave são os anjos presentes no *Juízo Final*, de Michelangelo. Ainda no sonho, os anjos escoltam Malvezzi para dentro da Capela Sistina, indicando aos cardeais votantes que ele era a escolha do Espírito Santo para tornar-se papa.

¹⁶ Traduzido do inglês: “The battle between Good and Evil is a draw; it can be resolved only by the election of a new pope. Will there be one?”

Assim, na manhã seguinte, o cardeal camerlengo, que também havia sonhado com o possível sinal de Deus, pergunta a Malvezzi se ele aceita assumir o cargo de vigário de Roma, pois todos os cardeais estão de acordo em elegê-lo por aclamação. Após o sim de Ettore, o camerlengo Veronelli pode finalmente dizer ao mundo a esperada frase “*Habemus Papam*”.

Em *Conclave*, Roberto Pazzi combina fantasia, comédia e sátira, além de fornecer algumas informações concretas sobre o ritual da eleição de um papa, os problemas enfrentados pelo catolicismo, as diferenças entre as alas da Igreja, denunciando problemas da nossa sociedade na figura de cardeais que se rendem aos seus vícios e às suas fraquezas. Ou seja, o autor faz uma dura crítica a certos traços da personalidade humana, sem questionar de modo direto a fé.

Um exemplo do espírito visionário de Pazzi pode ser percebido na cena em que as imagens do *Juízo Final* começam a desaparecer inexplicavelmente, enquanto o cardeal de Brasília, José Maria Rezende, faz um discurso. Uma confusão que só termina quando o cardeal de Dar Es-Salaam neutraliza o mal por meio de uma espécie de ritual, desconhecido pelos colegas.

Ugamwa diz algo, repete-o em voz alta, cada vez mais alta, com um esforço penoso que parece dobrar em duas sua solene figura. E, de repente, vê-se esplender novamente, na vivacidade de suas cores maravilhosas e de suas mil formas, o Juízo Universal, enquanto o vento abranda de repente em toda a Capela Sistina. Mas não há mais um vestígio sequer do exorcista, do cardeal negro que realizou o sortilégio contra o espírito do Mal. (PAZZI, 2001, p. 176, grifo do autor).

Assim, no lugar de personagens bem desenhadas e construídas no modelo de perfeição que a Igreja costuma divulgar, os cardeais são representações das várias tendências ideológicas e espirituais que compõem a Igreja Católica e que, em muitos casos, entram em conflito, distantes da imagem de virtuosidade que buscam demonstrar ao mundo. Tem-se, assim, a figura do italiano tradicionalista, o africano disposto a ser o primeiro papa negro, os ambiciosos cardeais norte-americanos e, por fim, o italiano com tendências progressistas.

Logo, a obra de Roberto Pazzi, apesar de ter gerado fúria em muitos membros do clero¹⁷, que se indignaram com a forma como foram retratados, é, acima de tudo, capaz de gerar reflexões sobre os vícios e as fraquezas humanas e, principalmente, sobre a hipocrisia e os julgamentos radicais que são feitos aos que pensam ou comportam-se diferente da maioria.

Outrossim, é importante destacar que *Conclave* (2001) não foca exclusivamente no Vaticano e nas relações entre os cardeais, uma vez que o escritor italiano insere em sua narrativa

¹⁷ Informação retirada de “Chi è Roberto Pazzi, scrittore visionario sul filo dell’eresia”. Disponível em: https://ricerca.gelocal.it/lanuovaferrara/archivio/lanuovaferrara/2005/11/02/UT2PO_UT201.html

histórias secundárias: Francesco, sobrinho de Malvezzi, que vive o isolamento de uma internação por causa de um acidente de trânsito, e o casal de namorados, Anna e Lorenzo, que se encontram isolados em um apartamento em meio à tempestade que atinge a cidade de Roma.

Além disso, *Conclave* (2001) apresenta, em alguns momentos, elementos de sonho e de fantasia, como na cena em que os cardeais sofrem uma crise de riso depois de uma refeição, porque uma das freiras, enquanto limpava os peixes e cozinhava a sopa, entoou canções de sua aldeia em Sahel, região entre o deserto do Saara e o Sudão. As músicas faziam parte de um ritual para afugentar o medo e fazer sorrir os mais velhos, como pode ser comprovado na explicação dada pela própria freira após ser questionada pelo camerlengo:

Fui eu que fiz a sopa – diz, cheia de si. E pensa nos cantos que entoou por toda a manhã enquanto limpava os peixes e os cozinhava. Eram canções de sua aldeia, aquelas que cantavam para fazer chover, mas também as que espantavam o mau-olhado [...] E depois, a canção mais bela de todas, a sua preferida, aquela que o feiticeiro deixava apenas as meninas cantarem [...] Fazia rir os mais velhos que já se recusavam a comer e queriam que os deixassem morrer, e começavam a rir e a comer, mal a ouviam, a comer e a rir, até não aguentar mais... [...] Foi isso que fez: entoou aquele canto enquanto cozinhava a sopa para os velhos cardeais! (PAZZI, 2001, p. 203).

Dessa forma, o estudo entende que o *Conclave* (2001) é um romance que usa a eleição papal como espaço para elaborar uma narrativa de reflexão não só sobre os religiosos que compõem a Igreja, mas sobre os traços de personalidade comum a toda a espécie humana. Assim, Pazzi une informações históricas, que podem ser lidas ou vistas nos noticiários, a situações fantásticas e pouco prováveis para compor uma obra que vai além da crítica à Igreja como instituição, pois apresenta ao seu leitor uma espécie de humanização da Igreja Católica e, assim, possibilita uma reflexão mais ampla sobre a intolerância e o radicalismo que se vive na atualidade.

3.2 *Conclave*, de Robert Harris

A segunda obra analisada neste trabalho é o livro homônimo ao de Roberto Pazzi: *Conclave*, escrito em 2016 por Robert Harris que, segundo o Portal de Literatura, é um escritor e ex-jornalista britânico, nascido na cidade de Nottingham, em 1957. Desde a infância, Harris alentou a ambição de ser escritor, motivada pelas visitas que fazia à gráfica na qual o pai trabalhava. Durante o ensino médio, frequentou a escola King Edward VII, onde escreveu algumas peças e foi editor da revista escolar. Licenciou-se na Universidade de Cambridge, onde exerceu a função de editor do jornal estudantil.

Antes de dedicar seu tempo à literatura, Harris trabalhou como jornalista e repórter em importantes meios de comunicação britânicos, como a BBC, o Observer e o Sunday Times. Iniciou sua carreira como escritor com o livro *A Higher Form Of Killing* (1982), um ensaio sobre uma guerra química e bacteriológica, escrito em colaboração com Jeremy Paxman, e que descreve os perigos do aumento desses armamentos a partir da década de 1980.

Embora tenha iniciado sua carreira em não-ficção, sua fama baseia-se nos trabalhos de ficção histórica. Em seus primeiros livros, Harris se concentrou em eventos relacionados à Segunda Guerra Mundial, como *Fatherland* (1992), no qual reconta a história apresentando a vitória dos nazistas na Segunda Guerra Mundial. Mais tarde publicou *Enigma* (1995), que trata da máquina para criptografar as mensagens usadas pelos alemães na Segunda Guerra Mundial, e, por último, a intriga política em *O Filho de Stalin* (1998), seu terceiro romance, o qual conta aventuras de um historiador de Oxford que, depois de participar de uma conferência em Moscou, entra em contato com um homem muito próximo de Stalin.

Ao publicar *Pompeia* (2003), narrando a erupção do Vesúvio que destruiu a cidade que dá título ao livro, Harris começou a contar histórias com atmosfera romana. Segue-se a este, a publicação de uma trilogia sobre Cícero (advogado, político, escritor, orador e filósofo da República Romana): *Imperium* (2006), *Lustrum* (2010) e *Dictator* (2015).

Além de obras baseadas em episódios históricos, com *The Ghost* (2007), livro focado na figura de um ex-primeiro-ministro britânico que decide escrever suas memórias e revela importantes segredos políticos ao escritor que o auxilia, com *The Fear Index* (2011), focado em uma intriga financeira durante o *Flash Crash*, quebra trilionária nas bolsas de valores norte-americanas que ocorreu em 2010, e com *Conclave* (2016), narrando a eleição de um novo comandante da Igreja Católica, Harris também se propõe a escrever livros mais centrados na história contemporânea.

Sansom (2016) afirma que Harris é um autor que se ocupa em escrever sobre as tramas do poder, uma vez que investiga o poder político britânico, o da Roma Antiga e também o do Vaticano. Além disso, apresenta em suas obras uma fórmula tradicional e de sucesso que se baseia em colocar personagens poderosas em “palcos grandes, com roupas extravagantes, equipando-as com elevados poderes de retórica”¹⁸, mas que, no final, revelam-se pessoas capazes dos mesmos enganos, ilusões e hipocrisias de qualquer outro ser humano. Isso acontece com Cícero, na Roma Antiga, com os políticos americanos e com o papa e seus cardeais, no Vaticano.

¹⁸ Traduzido do inglês: “[...] big stage, in fancy clothes, equips them with heightened powers of rhetoric...”

Ademais, seus livros possuem uma forte preocupação em informar detalhes sobre o tema desenvolvido, como os vulcões em *Pompeia*, livro em que o autor descreve a vida na cidade italiana dias antes da erupção do Vesúvio. Ou ainda, a Segunda Guerra Mundial em *Fatherland* e *Enigma* nos quais Harris, respectivamente, aborda o nazismo e descreve uma história baseada em uma vitória de Adolf Hitler.

Os anos que antecedem a publicação de *Conclave* por Robert Harris são muito conturbados para a Santa Sé, pois é nesse período que acontece o Escândalo Vatileaks, envolvendo a divulgação pelo jornal *Il Fatto Quotidiano* e pela rede televisiva La7, em fevereiro de 2012, de cartas pessoais do Papa Bento XVI e de documentos que revelam uma ampla rede de corrupção e favorecimentos entre o Vaticano e seus parceiros italianos, com a justiça italiana abrindo investigação contra o Banco do Vaticano.¹⁹ Além disso, aumentam as denúncias e os escândalos sexuais envolvendo membros da Igreja e acusação de que o papa omitia-se diante dessas. Fatos que culminam na renúncia de Bento XVI, em fevereiro de 2013, e com a eleição do primeiro papa jesuíta e não europeu desde o sírio Gregório III, no século VIII.

Dessa forma, Robert Harris produz uma obra que observa as relações de poder no Vaticano logo após um período de grande instabilidade. O escritor faz referência aos escândalos supracitados, como pode ser verificado na cena em que Bellini e Sabbadin, religiosos próximos ao papa morto, tentam convencer Lomeli, o camerlengo responsável pelo conclave, a não investigar Tremblay, um dos favoritos ao papado. Sabbadin justifica o apelo afirmando que

Tivemos papas acusados de conluio com comunistas e com fascistas, ou que ignoraram denúncias a respeito dos piores abusos... Aonde isso nos leva? Se você já foi membro da Cúria, pode ter certeza de que alguém já vazou alguma informação a seu respeito. E se você já foi arcebispo, é provável que tenha cometido um erro aqui e ali. Somos homens mortais. Servimos a um ideal, mas não podemos sempre *ser* ideais. (HARRIS, 2020, p. 176, grifo do autor).

O livro inicia com a morte súbita do papa, uma figura progressista e com características próximas ao Papa Francisco, principalmente em sua aversão ao luxo. O livro imagina um conclave que acontece em 72 horas e que reúne mais de 100 cardeais de todo o mundo, com ações que se desenvolvem na Capela Sistina, onde ocorrem as votações e na Casa Santa Marta, que hospeda os cardeais votantes. Assim, diferente da obra de Pazzi (2001), Harris foca, exclusivamente, nos espaços utilizados pelos cardeais durante as votações e durante um espaço de tempo curto, o que permite uma narrativa ágil e cheia de tensão a cada revelação feita.

¹⁹ Informação presente no documentário **Segredos do Conclave** (2013)

A personagem central é o cardeal Lomeli, caracterizado como um homem decente e ponderado que será responsável por presidir o conclave. Entre os favoritos aparecem: o ambicioso canadense Joseph Tremblay, o tradicionalista italiano Goffredo Tedesco, o carismático nigeriano Joshua Adeyemi e o intelectual italiano Aldo Bellini. Além destes, surge o cardeal Vicent Benítez, arcebispo de Bagdá, nomeado pelo papa *in pectore*, ou seja, em segredo, a fim de proteger sua identidade, uma vez que os católicos vivenciam uma constante perseguição no Oriente Médio.

O contexto de perseguição pode ser verificado no trecho em que Bellini, um dos favoritos ao papado, expressa sua preocupação à Benítez:

- Sinto muito, arcebispo, mas preciso dizer que cometeu um grave erro vindo para cá.
- E por quê, Eminência?
- Porque a situação dos cristãos no Oriente Médio já é bastante perigosa sem a provocação representada por sua indicação para cardeal, e por sua vinda a Roma.
- Naturalmente tenho consciência dos riscos envolvidos. Essa é uma das razões pelas quais hesitei em vir. Porém, posso lhe garantir que rezei longamente e com intensidade antes de empreender viagem.
- Bem, sua escolha já foi feita, e isso encerra o assunto. Entretanto, já que está aqui, tenho que lhe dizer que não sei como pode ter esperanças de retornar para Bagdá.
- É claro que retornarei, e enfrentarei as consequências da escolha da minha fé, tal como fazem milhares de outras pessoas. (HARRIS, 2020, p. 65).

Inicia-se o conclave, cada cardeal tem seus partidários e a eleição começa repleta de negociações e de probabilidades. Em meio ao processo, gradualmente, vão sendo expostas as fraquezas, as limitações e os segredos dos postulantes à cadeira de Pedro. Lomeli é informado de que o falecido papa havia investigado secretamente o cardeal Tremblay e decide averiguar o fato a fim de tomar conhecimento do que o papa descobrira. Adeyemi envolve-se em um escândalo sexual, Bellini perde o favoritismo por propor reformas na Cúria e a eleição de Tedesco é vista como um retrocesso para a instituição. A história avança por meio das votações e, a cada descoberta, um favorito vai sendo excluído pelos cardeais. Assim, “as personagens assemelham-se mais a peças de xadrez, sendo movidas por um tabuleiro em um jogo complexo de estratégia, do que figuras que dedicaram suas vidas a um sistema de crenças religiosas.”²⁰ (Friedman, 2016, tradução nossa).

Dessa forma, é perceptível que o livro de Harris pretende observar as relações de poder entre os religiosos que compõem o alto escalão do catolicismo durante o processo de eleição de um novo papa, investigando assim como acontecem as disputas políticas. Além disso, o aspecto informativo destaca-se, pois o livro é repleto de detalhes processuais e históricos, com

²⁰ Traduzido do inglês: “[...] the characters are more like chessmen being moved around a board in a complex game of strategy than figures who have devoted their lives to a religious belief system.”

informações sobre as regras da Constituição Apostólica, sobre os rituais em torno da votação e, até mesmo, detalhes da Casa Santa Marta, edifício no qual os cardeais votantes são hospedados.

Um exemplo é a descrição feita da Casa Santa Marta, no segundo capítulo:

Ela lembrava a Lomeli um prédio de apartamentos soviético: um retângulo de pedra cinzenta deitado de comprimento, com uma altura de seis andares. Estava disposta em dois blocos, cada um com catorze janelas de largura, ligados um ao outro por uma curta seção central. Nas fotografias aéreas que a imprensa estampou naquela manhã, assemelhava-se a um H alongado, com sua elevação do lado norte, o Bloco A, dando para a Pizza Santa Marta, e a elevação sul, o Bloco B, virada para o muro que separa o Vaticano da cidade de Roma. A casa continha cento e vinte e oito quartos de dormir do tipo suíte, com banheiro, e era administrada pelas freiras de hábitos azuis da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Nos intervalos entre as eleições papais – ou seja, durante a maior parte do tempo – era utilizada como hotel para os pelados visitantes, e uma hospedaria semipermanente para alguns padres que trabalhavam em funções burocráticas na Cúria. (HARRIS, 2020, p. 38).

Além das descobertas, durante o conclave, os cardeais precisam lidar também com as notícias do mundo exterior: o ataque de um homem-bomba em uma praça pública próxima ao Vaticano, tiroteios em massa durante uma missa e ataques simultâneos em vários países. E tudo acontece enquanto a Igreja Católica Romana encontra-se sem um líder máximo. Logo, as preocupações contemporâneas estão, frequentemente, sendo ressaltadas dentro da narrativa.

Porém, dentro do enredo, nenhum acontecimento ou descoberta narrada compara-se à revelação de que o papa falecido havia perdido a fé na Igreja e ao fim inesperado que Harris dá a sua obra. Ao apresentar reflexões sobre a rigidez dos dogmas católicos e sobre o papel de inferioridade dado à mulher dentro da Igreja, o escritor pretende preparar o leitor para a revelação final: a eleição de uma mulher, que viveu a vida inteira como homem, ao cargo de líder máximo da religião católica.

A revelação de que o papa morto sabia de suas condições, é feita por Benítez em uma conversa com Lomeli:

- [...] Apresentei minha renúncia ao Santo Padre, sem lhe dizer as minhas razões. Ele me convidou a vir a Roma para discutir o assunto com ele, e tentou me dissuadir.
 - E o senhor lhe disse os motivos do seu pedido de renúncia?
 - No final, sim, fui obrigado a fazê-lo.
 - E ele achou aceitável que o senhor continuasse como um religioso ordenado?
 - Ele disse que a decisão cabia a mim. Rezamos juntos no quarto dele, pedindo orientação divina. Por fim, decidi fazer a cirurgia e abandonar e abandonar o ministério religioso. Mas, na noite em que eu deveria voar para a Suíça, mudei de ideia. Eu sou o que Deus fez de mim, Eminência. Pareceu-me que seria um pecado mais grave tentar corrigir a obra dele do que deixar meu corpo sendo como sempre foi. (HARRIS, 2020, p.264).

Logo, o romance de Harris apresenta uma visão totalmente nova para o futuro da Igreja Católica. Além disso, é possível dizer que a revelação final expõe uma Igreja enganada pelo

próprio Deus, em cumplicidade com o falecido papa, ao elevar à cadeira de Pedro um candidato improvável até para os cristãos mais tolerantes e progressistas.

Dessa forma, o estudo entende que o final escolhido por Harris buscou justificar que a negativa dada às mulheres no sacerdócio, com o impedimento de realizarem rituais litúrgicos e de assumirem cargos mais importantes na Cúria, não tem bases para se sustentar. Pois, o cardeal Benítez seria a representação da coragem e da força das mulheres ao defenderem suas crenças e seus ideais.

4 PAZZI E HARRIS: ANÁLISE DOS ROMANCES

A comparação configura-se como o procedimento pelo qual o ser humano estabelece analogias. Dessa forma, baseado em alguns conceitos da Literatura Comparada, este estudo propõe uma comparação entre duas obras literárias que abordam o mesmo assunto.

Embora produzidos em momentos e em contextos sociais diferentes, os romances *Conclave* (2001) e *Conclave* (2016) permitiram um estudo literário que investigou os pontos de semelhanças e também os pontos de distinções entre as duas obras. Portanto, este capítulo apresentará os elementos identificados como aproximações ou distanciamentos.

4.1 Análise comparativa das obras

As obras citadas neste trabalho narram, ambas, a eleição de um papa com um olhar a partir de dentro dos muros do Vaticano e, além da incontestabilidade de semelhança do assunto, tem-se também o fato das narrativas tratarem de personagens que possuem posições destacadas de poder, uma característica significativa na produção dos dois autores, pois suas obras evidenciam as relações de poder que existem em várias esferas da sociedade ou da história. O que pode ser verificado na preferência de Pazzi por figuras como imperadores e papas em suas obras, como no caso de *Cercando L'Imperatore*, *Domani Sarò Re* e *L'Erede*, e que é ainda mais evidente nas produções de Robert Harris, com romances sobre personagens como Cícero (*Imperium*, *Conspirata*, *Dictator*) e Hitler (*Munique*).

Sabe-se que o enredo de uma obra provoca a necessidade de elementos com os quais o leitor tenha um sentimento de conformidade, crítica, questionamento, dentre outros que o despertem para a reflexão. No caso das obras analisadas, os escritores aproximam os leitores de uma figura que, segundo a tradição religiosa, tem a infalibilidade divina e o poder absoluto sobre todos os católicos. Além disso, proporcionam a possibilidade de o leitor contemplar, mesmo que na imaginação, uma situação que provoca certo grau de curiosidade, uma vez que a sociedade não tem permissão para participar de uma eleição papal.

Nas obras analisadas, as personagens giram em torno das relações de poder existentes na religião católica e, em especial, no Vaticano, pois as protagonistas são figuras que têm a missão e o poder de definir quem será o novo representante de Cristo na Terra, segundo os dogmas da religião supracitada. Ou seja, são obras que podem representar uma preferência dos autores em compor personagens envolvidas, de alguma forma, com posições destacadas de poder. No caso de Pazzi, uma predileção por figuras importantes para o catolicismo e pela realeza, e em Harris

com o enfoque em figuras políticas importantes. Embora as áreas em que tais personagens exercem seu poder sejam distintas, esse é um elemento que deve ser sublinhado a fim de comprovar a primeira aproximação percebida entre os dois autores, uma vez que *Conclave* (2001) e *Conclave* (2016) são romances que dedicam-se a narrar sobre as relações entre os cardeais durante uma eleição papal.

Além disso, é preciso considerar também que as obras de ficção podem constituir-se como ferramentas que permitem aos leitores aproximarem-se de histórias e de seres humanos de uma maneira que a realidade jamais permitiria. Como diz Cândido et. al. (1968. p. 35):

A ficção é o único lugar — em termos epistemológicos — em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais a seres autônomos; de seres totalmente projetados por orações. (CANDIDO et. al., 1968. p. 35)

Ou seja, o texto ficcional permite ao leitor observar de forma transparente os seres humanos que se apresentam como personagens dentro da narrativa, o que não é possível na realidade. Assim, obras que apresentam personagens com certa relevância em algum âmbito da sociedade, como os cardeais nas obras de Pazzi e Harris, permitem que os leitores se deparem com personalidades de um modo mais próximo. No caso de um conclave, proporciona ao leitor uma visão mais complexa da personalidade dos cardeais, mesmo que fictícios, longe da imagem de perfeição e de santidade muitas vezes pregada pela religião.

Ademais, se levarmos em consideração que, embora tenha menos apelo na atualidade, a eleição de um novo papa é considerada ainda um evento de grande importância e os conclaves acabam por tornarem-se acontecimentos históricos, é oportuno realizar algumas considerações sobre história e ficção.

Segundo Aristóteles, história e ficção são as duas formas básicas de narrativa, com a primeira tendo por objeto dados concretos e inserida em um contexto de realidade efetiva e verificável. Já a segunda, seria uma realidade demarcada do mundo objetivo e real, transportada para o mundo do possível. Assim, “A ficção surge no pensamento de Aristóteles como o território da verossimilhança, ou seja, daquilo que, sem ser real, é credível que tenha ou possa ter acontecido” (CRESQUI, 2009. p. 3).

Dessa forma, história e ficção aproximam-se na construção de narrativas tanto literárias quanto históricas, ou seja, tanto a ficção pode fazer uso da história, como esta utiliza técnicas ficcionais na composição de textos. Portanto, é preciso ressaltar que a narrativa ficcional tem como base a imaginação do autor associada à sua capacidade de torná-la crível e que as obras

de ficção baseadas em realidades históricas costumam narrar o passado em um contexto presente, ou seja, a partir de uma visão contemporânea e delimitada pela forma como o autor escolhe moldar suas personagens e seu enredo. Logo,

O diferencial dessas tramas, dentre as demais obras de ficção, é que suas narrativas não buscam só entreter e comunicar, mas também informar sobre determinados fatos da História e fazer pensar sobre essa História, dando ao telespectador a possibilidade de “reviver”, ainda que de forma ficcional, acontecimentos históricos, com uma narrativa envolvente, em que cada capítulo pode se tornar uma nova aventura. (MACHADO, 2015. p. 2)

No caso das obras analisadas neste trabalho, é possível perceber que os autores fazem uso de acontecimentos históricos dentro das narrativas como forma de torná-la verossímil e ainda com o objetivo de informar os leitores. Um exemplo disso é a descrição feita por Harris sobre como era preparada a Capela Sistina nos conclaves até 1965: “Os tronos tinham sido abandonados em 1965, depois do Concílio Vaticano II, como tantas outras das antigas tradições da Igreja. A avaliação era de que o Colégio dos cardeais tinha se tornado grande demais e multinacional demais para manter esse espalhafato Renascentista.” (HARRIS, 2020, p. 34)

Além do uso de acontecimentos históricos, outro ponto de aproximação que se destaca é a busca por investigar as tramas de poder nos altos escalões e a personalidade de indivíduos poderosos: seja na política atual, em algum momento da história, ou mesmo na religião, como é o caso das obras estudadas.

Harris é um autor que busca investigar as relações de poder em várias esferas da sociedade, seja em narrativas contemporâneas, seja em ficções de história alternativa: elaborou obras sobre Cícero e a Roma Antiga, Hitler e a Alemanha nazista, o Papa e a Igreja Católica. Além da obra analisada neste trabalho, na qual o autor aborda os cardeais da Igreja Católica no momento em que exercem um poder restrito a poucos cristãos, o autor afirma, em entrevista ao jornal *Il Fatto Quotidiano*, que “[...] como jornalista político, não só como escritor, estou acostumado a explorar a relação entre o poder e o poderoso. Eu fiz isso com Stalin, com Cícero, com o primeiro-ministro britânico.” (Harris apud d’Esposito, 2016). Portanto, é válido destacar esse aspecto como uma característica importante do estilo de escrita do autor britânico.

Além dele, Roberto Pazzi também é um escritor que compõe narrativas sobre personagens com certo poder, representadas, em suas obras, por duas figuras: imperadores e papas. O autor afirma, em entrevista a Alessandro Moscè²³, em 2012, acreditar que a modernidade destruiu o conceito de mundo que se dividia entre esses dois poderes universais. O escritor italiano expõe

²³ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xjHCOjxEYbg>

sua predileção explicando que tais figuras são, para ele, as principais representações do mundo medieval do qual viemos, um período que o instiga porque é o tempo que melhor relaciona o passado (aquilo que fomos) e o presente (aquilo que somos).

A explicação é baseada no tratado *Monarquia*, escrito por Dante Alighieri. O texto faz uma reflexão sobre a Era Medieval, que se divide entre o Império e o Papado, e intervém em um dos temas mais controversos do período: a relação entre a autoridade secular, o imperador, e a autoridade religiosa, o papa. As discussões sobre o tema eram intensas naquele período, visto que o Papa Bonifácio VIII havia publicado o *Unam Sanctam*, documento que declarava que o poder temporal estava sujeito ao poder espiritual, isto é, o papa tinha poder sobre todos os reis e príncipes cristãos. Então, Dante apresentou uma reflexão sobre o poder exercido por essas duas figuras e defendeu que o imperador exercesse seu poder com independência total e sem nenhuma interferência do papa.

Segundo Pazzi²⁴, a teoria supracitada, com o poder dividido entre essas duas autoridades universais, é o que resume o período medieval, uma dimensão “fechada”, na qual existe um centro que se divide: para os corpos, o Imperador; e para as almas, o Papa. Ainda em entrevista a Moscè, Pazzi acrescenta que, a liberdade do “mundo copernicano” trouxe comportamentos negativos, como o individualismo, a liberdade sendo confundida com a solidão e o relativismo do que é absoluto, aspectos que fizeram com que a humanidade perdesse a capacidade de “sonhar de olhos abertos”.

Dessa forma, a literatura de Pazzi se propõe a resgatar, por meio de narrativas que exaltam as duas autoridades citadas acima (o imperador e o papa), comportamentos e conceitos que se perderam com a modernidade. O autor afirma que, por esse motivo, escreveu *Cercando l'Imperatore* (1985), a busca por um soberano; e *Conclave* (2001), a busca por um papa.

Por todas as informações expostas acima, é possível observar que, mesmo com objetivos distintos, algumas escolhas feitas por ambos os autores aproximam suas obras, principalmente, no que tange à escolha e à elaboração de suas personagens, como no caso de protagonistas vacilantes na fé e na escolha dos favoritos ao papado.

Para além do que já foi citado, faz-se importante apresentar algumas considerações sobre os conceitos e as teorias usadas durante o estudo e que fundamentaram a pesquisa e a verificação ou não da hipótese de influência da obra de Roberto Pazzi sobre o romance de Robert Harris.

No contexto da crítica literária, Tânia Franco Carvalhal faz um esclarecimento em relação a método, análise e comparação:

²⁴ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xjHCOjxEYbg>

No entanto, quando a comparação é empregada como recurso preferencial no estudo crítico, convertendo-se na operação fundamental da análise, ela passa a tomar ares de método - e começamos a pensar que tal investigação é um estudo comparado. Pode-se dizer então que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a este tipo de recurso literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. (CARVALHAL, 2001, p. 10-16).

Visto que este estudo trata-se de uma análise comparativa, ou seja, a verificação da hipótese de influência entre os dois romances, é relevante expor algumas observações sobre a Literatura Comparada, principalmente, sobre o conceito de intertextualidade.

4.1.1 Intertextualidade, influência e imitação

Produzir uma análise comparativa é perceber as relações entre, pelo menos, dois textos e estabelecer os intertextos possíveis. Corrales (2010) lembra que abordar questões como intertexto em uma análise de literatura comparada exige que se perceba “que ao lermos um texto (A) estamos lendo também um texto (B), e, este entrecruzamento de “vozes” percebidas ou levemente transparentes é algo que perpassa a escrita, e em especial a literatura, ao longo de todos os tempos.” (p.1).

Ou seja, ao analisar duas obras, é preciso ter a noção de que há um texto primeiro, chamado de hipotexto, que precede o texto atual a fim de verificar se há referências e fragmentos identificáveis de uma obra na outra. Assim sendo, as discussões acerca dos conceitos de imitação, de influência e de originalidade bem como o debate sobre a intertextualidade são bastante antigas e acompanham a evolução da escrita e da literatura.

Embora ainda haja muitos debates, Nitrini (2015) alega que “a teoria da intertextualidade”, proposta por Kristeva na segunda metade do século XX, agrega todas as discussões sobre o conceito de influência, uma vez que a intertextualidade é definida como a relação entre um texto e seus intertextos, independente de serem textos contemporâneos ou não. Nesse sentido, Julia Kristeva inseriu na teoria literária a concepção de que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1978, p. 68).

Portanto, ainda segundo Kristeva (1978), o texto seria “uma permutação de textos, uma intertextualidade: no espaço de um texto vários enunciados, tirados de outros textos, se cruzam e se neutralizam” (p. 65). Ou seja, a composição de um texto implica a reutilização de maneiras diferentes ou não de materiais textuais já existentes. Ademais, Barthes, ao conceituar o termo

“texto”, reafirma a ideia da intertextualidade: “Todo texto é um *intertexto*; outros textos estão presentes nele, em níveis varáveis, com formas mais ou menos reconhecíveis; os textos da cultura anterior e os da cultura ambiente; todo texto é um tecido novo de citações passadas” (1987, p. 275)

Dessa forma, Barthes e Kristeva defendem a intertextualidade como a construção de uma interação textual, na qual não importa se há adequação, concordância, exaltação ou degradação entre o texto e o seu intertexto, pois este continua em sua posição de influência para o texto que o cita direta ou indiretamente.

Dentro da teoria da intertextualidade surgem os conceitos de imitação e de influência, que serão utilizados neste estudo comparativo entre *Conclave* (2001) e *Conclave* (2016). Para Cionarescu (1966 apud NITRINI, 2015), a influência é o resultado de uma obra com características específicas de seu autor, mas na qual é possível reconhecer os indícios de contato com outro (s) autor (es).

Sobre o conceito de imitação, Cionarescu (1964) indica que o termo possui quatro sentidos distintos na composição de obras literárias: o primeiro refere-se ao conceito aristotélico de *mimesis*, no qual a natureza é fonte de imitação para a arte; o segundo sentido relaciona-se ao Renascimento, que aconselhava a imitação dos grandes autores antigos; o terceiro está relacionado ao processo de adaptação que resultasse em uma obra literária escrita; e, por fim, o sentido usado neste estudo e pela análise comparativa, por meio do qual se pode avaliar a correspondência entre os conceitos de influência e de imitação.

De acordo com a análise comparativa, a distinção entre os conceitos de influência e de imitação dá-se à medida que

[...] até certo ponto, a influência pode confundir-se com a imitação, assim como, em sua outra acepção, confundia-se em parte com a difusão. Nesse caso, o matiz que diferencia as duas noções é que a imitação se refere a detalhes materiais como a traços de composição, a episódios, a procedimentos, ou tropos bem determinados, enquanto a influência denuncia a presença de uma transmissão menos material, mais difícil de se apontar, “cujo resultado é uma modificação da forma mentis e da visão artística e ideológica do receptor”. A imitação é um contato localizado e circunscrito, enquanto a influência é uma aquisição fundamental que modifica a própria personalidade artística do escritor. (NITRINI, 2015, p. 127-128).

Nessa lógica, a influência se caracteriza como uma reinterpretação que o escritor faz de seu intertexto. Enquanto isso, a imitação é percebida quando os materiais textuais de um texto (gênero, ideologias, recursos estilísticos, temática etc) são usados de forma idêntica ao seu intertexto. Nitrini (2015) apresenta ainda uma distinção prática para influência e imitação, segundo a qual é preciso considerar quatro componentes da obra literária:

[...] tema (compreendido como matéria e organização da narração); forma ou molde literário (o gênero); os recursos estilísticos expressivos, as ideias e sentimentos (ligados à camada ideológica); e, finalmente, a ressonância afetiva [...] O fenômeno da influência limita-se à absorção de um ou outro desses aspectos. Quanto maior o número de elementos aproveitados da obra de um autor por outro, tanto mais ele vai se aproximando da imitação [...] (p. 129 – 130).

Com base nos componentes supracitados, é possível afirmar que a obra de Harris (2016) tem influência da obra de Pazzi (2001), uma vez que elementos como gênero e alguns recursos se repetem, mas que não trata-se de imitação, pois o tema, a ressonância afetiva, e outros recursos estilísticos não se aproximam.

Para além desses componentes, levando em consideração a definição dada pelo *Penguin Dictionary*, citada por Faria (2019), a qual afirma que “Propriamente falando, o tema de uma obra não é o seu assunto, mas sim sua ideia central, que pode ser declarada direta ou indiretamente.”, podemos afirmar que, apesar de tratarem do mesmo assunto, o primeiro ponto a ser analisado entre as duas obras é o tema.

Assim, mesmo que ambas tratem da eleição de um novo papa com base nas relações entre os cardeais votantes, a ideia central delas apresenta-se de forma diferente. O romance de Pazzi (2001) aborda o processo de isolamento como um meio para refletir certos traços da personalidade humana, como a hipocrisia, a covardia, os desejos reprimidos e não propriamente a fé. Interpretação que pode ser justificada pelo espaço dado, dentro do romance, para personagens que vivenciam outros tipos de isolamento: Francesco, sobrinho de Malvezzi, internado em um hospital e o casal de namorados presos em um apartamento em meio a uma tempestade.

Além das narrativas paralelas ao conclave, a eleição de Ettore Malvezzi, o único cardeal que viveu verdadeiramente o isolamento, a menção que se faz às relações entre os cardeais e a guarda suíça, às lembranças da infância dos prelados, ao relacionamento de dois jovens namorados, reforçam a ideia de uma obra que não foca, exclusivamente, nas relações entre os membros da Igreja, mas que busca apresentar uma reflexão sobre os ensinamentos e as percepções conquistados por meio do isolamento.

Assim, em *Conclave* (2001), por causa do isolamento, as personagens fazem algumas descobertas: Malvezzi revela a mensagem de Cristo para o conclave, Francesco compreende que precisa valorizar mais a família e a própria liberdade, e os apaixonados, Ana e Lorenzo, entendem que se amam mais do que imaginavam.

Já a obra de Harris (2016) tem um foco maior na investigação das relações entre os cardeais, pois a narrativa destaca-se pela criação de suspense durante o processo, ao expor os

vícios, as fraquezas, as corrupções e as artimanhas dos líderes religiosos em busca da posição de maior poder dentro do catolicismo. A “guerra política” dentro do Vaticano pode ser observada, por exemplo, na cena em que Lomeli conversa com irmã Agnes e descobre que Tremblay planejou a desmoralização de Adeyemi, favorito para tornar-se papa, no conclave:

Lomeli sentou-se. Na tela havia um e-mail da superiora em pessoa, datado de 3 de outubro – [...] comunicando a transferência imediata para Roma da irmã Shanumi Iwaro, da comunidade de Oko, na província de Ondo, na Nigéria. “Minha cara Agnes, entre nós duas apenas, e não para conhecimento do público, eu ficaria grata se pudesse ter um cuidado especial com a nossa irmã, já que a sua presença foi requisitada pelo prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, Sua Eminência o cardeal Tremblay.” (HARRIS, 2016, p. 187 – 188).

Ou seja, Tremblay, um dos postulantes ao papado, prevendo o favoritismo de Adeyemi entre os que defendiam a ideia do primeiro papa negro, investiga a vida do rival e elabora uma forma de desmoralizá-lo diante dos outros cardeais, ordenando que a freira com quem o cardeal africano teve um filho durante a juventude fosse transferida para o Vaticano para trabalhar durante o conclave.

Dessa forma, embora as duas obras usem as figuras dos poderosos cardeais como representação para os vícios e as fraquezas humanas, há uma diferença fundamental entre elas: enquanto em *Conclave* (2016), esses traços de fragilidade expostos são motivos para que os cardeais percam o favoritismo dentro da eleição, ou seja, tornam-se causas de punição, na narrativa de Pazzi (2001) não há influência de tais fraquezas para indicar se um cardeal é favorito ou não ao papado.

Assim, ainda segundo os componentes citados por Nitrini (2015), é possível entender que a ressonância afetiva, ou seja, a repercussão pretendida com as obras também é diferente, pois a obra de Harris (2016) pode ser interpretada como uma espécie de “romance investigativo” sobre o jogo político dentro do catolicismo. Enquanto isso, o romance de Pazzi (2001), mesmo citando as reuniões e a influência política no conclave, não se preocupa em investigar a fundo tais relações, uma vez que a obra procura apresentar uma tentativa de humanização dos prelados religiosos.

Se considerarmos ainda os recursos escolhidos pelos autores para a escrita das obras estudadas, é preciso levar em conta que toda narrativa se estrutura sobre alguns elementos essenciais, dentre os quais, é necessária a presença de um narrador, o elemento que transmite a história e faz a mediação entre esta e o leitor. Assim sendo, com consciência da importância do narrador dentro de uma obra, é válido observar as escolhas feitas pelos escritores na composição de *Conclave* (2001) e *Conclave* (2016).

No que diz respeito ao narrador, Gancho apresenta dois termos relevantes para a análise de uma narrativa, os quais designam “a função do narrador dentro da história: *foco narrativo* e *ponto de vista* (do narrador ou da narração)”. (1997, p. 26, grifo do autor). Portanto, além do tipo de narrador, o foco narrativo também pode ser considerado elemento essencial em uma narrativa de ficção. Dessa forma, o foco narrativo define-se como

[...] um recurso utilizado pelo narrador para enquadrar a história de um determinado ângulo ou ponto de vista. A referência à visão, aqui, não é casual. O foco narrativo evidencia o propósito do narrador (e, por extensão, do autor) de mobilizar intelectual e emocionalmente o leitor, manipulando-o para aderir às ideias e valores que veicula ao contar a história (FRANCO JÚNIOR, 2003, p. 41).

Friedman (2002) ratifica a importância do foco narrativo como o ponto de vista que é mostrado ao leitor e propõe uma tipologia que separa as formas de narrar. Tradicionalmente, a identificação do narrador apresenta-se em uma descrição baseada nas pessoas do discurso: narrador em terceira ou primeira pessoa. No entanto, por considerar essa classificação limitada, este estudo considerou a tipologia desenvolvida por Norman Friedman (2002), que extrapola os limites da definição acima e elenca os principais tipos de narrador e suas formas de narrar. Em síntese, uma classificação feita com base no grau de relação existente entre a história narrada e quem a conta.

Segundo Friedman (2002), o narrador divide-se em quatro tipos: o “narrador onisciente intruso”²⁵, o “narrador onisciente neutro”²⁶, o “narrador testemunha”²⁷ e, por fim, o “narrador protagonista”²⁸. O autor apresenta ainda tipos de narração, nas quais desaparece a evidência do narrador. Tem-se, então, a “onisciência seletiva múltipla”²⁹, a “onisciência seletiva”³⁰, a

²⁵ Tem uma liberdade maior usando palavras, percepções e sentimentos do próprio narrador. É considerado intruso porque não deixa de inserir comentários sobre a vida, os costumes, os modelos sociais e políticos, valores, pertencentes ou não na história e também sobre a subjetividade, o tempo e o espaço das personagens.

²⁶ Conta a história em terceira pessoa, caracteriza as personagens, porém sem intromissão em seus sentimentos e pensamentos, e sem tomar o seu espaço.

²⁷ Apresenta a história em primeira pessoa e possui um ângulo de visão limitado, pois, por ser uma personagem secundária, não é capaz de saber sobre os pensamentos e os sentimentos das outras personagens, restringindo-se apenas a especulações.

²⁸ Limita-se aos seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções. Outrossim, possui um ângulo fixo, pois apresenta apenas os pensamentos e os sentimentos de seu próprio ponto de vista.

²⁹ A história é contada por meio das percepções e impressões das próprias personagens, desaparecendo a evidência do narrador. Neste tipo de narração, o autor interpreta os pensamentos, percepções e sentimentos, filtrados pela mente das personagens.

³⁰ O ponto de vista narrado não passar pelo filtro de todas as personagens. Há uma centralização, isto é, o ângulo de visão é limitado e focado na personagem central.

categoria do “modo dramático”³¹ e a “câmera”³². Esta tipologia foi utilizada no estudo com o intuito de verificar as preferências de Roberto Pazzi e Robert Harris ao compor suas narrativas.

Segundo Moraes (2008), “O texto literário em sua estrutura singular, tem por espeque a composição de elementos da narrativa, firmes no ideal de compreensão e exteriorização do pensamento do autor.” (p.10). Isto é, verificar como o narrador está presente no texto literário, determina, na maioria das vezes, o estilo da obra, do autor, e pode até ser característico de um determinado momento literário, aspecto que pode facilitar a compreensão e a análise textual.

Assim, baseado na tipologia de Friedman (2002), o estudo percebeu a predominância da “onisciência seletiva” na narração da história principal em ambas as obras. É importante ressaltar que esse aspecto diz respeito à história central das narrativas, pois, como citado anteriormente, a obra de Pazzi (2001) desenvolve também narrativas secundárias.

Assim, tanto *Conclave* (2001) quanto *Conclave* (2016) apresentam narrativas centrais, focadas na eleição papal, nas quais desaparecem as evidências de um narrador, embora seja possível identificar que não é uma narração em primeira pessoa, com uma limitação às percepções da personagem central. No romance de Pazzi (2001), a eleição é narrada aos leitores segundo a perspectiva do cardeal Ettore Malvezzi da mesma forma que o conclave de Harris (2016) desenvolve-se apresentando a perspectiva única do cardeal Jacopo Lomeli.

Ainda no que diz respeito aos recursos utilizados na escrita dos romances, é possível fazer uma comparação entre *Conclave* (2001) e *Conclave* (2016) com base nas distinções entre *mostrar* e *narrar* e entre *cena* e *sumário* propostas por Lubbock (apud LEITE,1989), em sua teoria do foco narrativo. Dessa forma, a primeira diferenciação diz respeito à intervenção ou não do narrador na história: quanto mais intervenções deste, mais ele conta e menos mostra, ou seja, o *narrar* ocorre quando há intromissões, com informações sobre as percepções da personagens e o *mostrar* quando o narrador não interfere, não tece comentários e quando não há muitas informações sobre sentimentos e pensamentos das personagens, simplesmente conta-se o que acontece.

Há ainda a oposição *cena* e *sumário*. Segundo citado por Leite (1989),

CENA, os acontecimentos são mostrados ao leitor, diretamente, sem a mediação de um NARRADOR que, ao contrário, no SUMÁRIO, os conta e os resume; condensados, passando por cima dos detalhes e, às vezes, sumariando em poucas páginas um longo tempo da HISTÓRIA. (p.15, grifo do autor)

³¹ Elimina-se o autor, o narrador, os estados mentais, de modo que a narrativa se limita a expressar apenas o que falam e fazem as personagens.

³² É considerado o máximo grau de exclusão do autor, apresentando um conjunto de escolhas que se formam para mostrar diferentes pontos de vista.

Em resumo, o *narrar* e a *cena* são recursos utilizados para extrapolar as imagens narradas e sem uma mediação, valendo-se de comentários e de percepções das personagens. Enquanto isso, o *mostrar* e *sumário* pretendem apresentar ao leitor o fato como aconteceu, sem preocupação em apresentar detalhes ou percepções.

Com base nessas definições e no entendimento de que as obras apresentam “onisciência seletiva” na narração, é possível perceber a predominância também do *narrar* e da *cena* tanto em *Conclave* (2001) quanto em *Conclave* (2016). Assim, tanto Pazzi quanto Harris compõem narrativas que se preocupam em apresentar aos leitores as percepções das personagens sobre os fatos narrados, sem passar, necessariamente, pela mediação de um narrador.

Tem-se ainda o fato de *Conclave* (2016), de Robert Harris, com base no sucesso mercadológico de outras obras do autor, ser considerado, pelo mercado editorial, um novo *best-seller*. É pertinente destacar que em um conceito mais corrente, o *best-seller* é definido como uma obra literária extremamente popular cujo valor é legitimado pelo próprio mercado, ganhando evidência e aval através da inclusão na lista dos “mais vendidos”.

Dessa forma, considerando que a leitura da obra literária de massa, muitas vezes, ainda é vista como inferior por grande parte da crítica e da Academia, o estudo usou como fundamento a distinção proposta por Umberto Eco (2000) entre dois tipos de texto: uma literatura de proposta e uma literatura de entretenimento. Assim, o autor afasta as expressões depreciativas de *baixa literatura* ou *paraliteratura* e propõe uma distinção baseada em dois critérios: o esforço e a originalidade.

Segundo Eco (2000), a originalidade deve ser verificada em uma maior ou menor aproximação entre o que é inovador e o senso comum. Enquanto isso, o esforço deve ser examinado conforme a preocupação de cada texto com a acessibilidade do leitor tanto ao vocabulário quanto à interpretação das informações. Assim, a análise baseou-se na proposta de Eco para expor uma comparação entre os critérios de originalidade e de esforço verificados nas obras de Pazzi e Harris.

Ainda no que diz respeito à obra literária de massa, a análise utilizou-se da teoria de Muniz Sodré para a literatura de massa para apresentar a preocupação informativo-jornalista de *Conclave* (2016). De acordo com Sodré (1997), é preciso considerar como elementos fundamentais da literatura de massa, a curiosidade que a obra consegue despertar no leitor, sua aproximação com a realidade e ainda seu aspecto informativo.

Dado o exposto acima, é possível perceber que há similaridades e distanciamentos na composição das narrativas de *Conclave* (2001) e de *Conclave* (2016). Assim, as seções sucessivas usarão os fundamentos e as teorias apresentadas até aqui como meio para verificar

as hipóteses de influência, intertextualidade e/ou imitação e as diferenças nas escolhas feitas por Harris e Pazzi na escrita de seus romances.

4.2 As aproximações

Sabe-se que é praticamente impossível, até para os estudos de Literatura Comparada, expor tudo o que um escritor usou como referência para a sua obra. No entanto, durante a nossa pesquisa, foi possível perceber que os romances de Robert Harris e Roberto Pazzi mantêm uma relação significativa de similaridade, a qual se dá de forma explícita à medida que algumas escolhas repetem-se nas duas obras. A comparação é relevante, pois é possível alegar que a obra de Harris tem influências e/ou intertextualidades em relação ao romance de Pazzi, principalmente, no que se refere à construção da personagem protagonista, à escolha para representação dos grupos ideológicos da Igreja e ao uso da narrativa como espaço para algumas reflexões sobre a estrutura da instituição.

Segundo Antonio Candido (1981), a composição de uma personagem pode ser reconhecida naquilo que o narrador informa a seu respeito, pelo que fala de si própria, nos diálogos, nos fluxos de consciência e através do que outras personagens dizem sobre ela. Outrossim, muitas personagens serão compostas a partir de uma síntese da realidade percebida e fixada na memória de seu escritor.

Nesse contexto, pode-se apontar a composição da personagem protagonista como um primeiro elemento de similitude, uma vez que as personagens dos dois romances apresentam características afins: a primeira delas é a nacionalidade, uma vez que tanto Malvezzi, fio condutor do livro de Roberto Pazzi, quanto Lomeli, personagem-chave de Harris, são cardeais italianos. Assim, em ambas as obras, a Itália, país de maioria católica e onde se encontra o Estado do Vaticano, é evidenciada nas figuras das personagens protagonistas dos dois romances.

Na obra de Pazzi (2001), a importância da nacionalidade fica explícita desde o início do romance, como pode ser verificado na cena em que cita-se a pressão do governo aos cardeais italianos: “- Quem sabe do sul, ou até mesmo um velho, mas que seja italiano, por favor, Eminência. A Itália, que não ocupa na Europa o seu devido lugar, tem essa viva esperança... que elejam um italiano...” (PAZZI, 2001, p. 8)

Além da nacionalidade, outra semelhança entre as duas personagens é o fato de encontrarem-se em um momento de dúvida em relação à sua fé. Esse traço de personalidade pode ser comprovado por alguns trechos das narrativas. Por exemplo, no capítulo 2, enquanto

reza a missa dentro de seu quarto, ao pegar a hóstia na mão para a consagração, Malvezzi sente-se “cansado, inadequado, incerto e distraído pelo murmúrio da vida estúpida, mecânica e estranha que fervilha ao redor...” (PAZZI, 2001, p.18). Mais adiante, ainda na mesma cena, o cardeal afirma que essa sensação não é nova e que não consegue mais concentrar-se no momento da consagração da hóstia, pois “não sabe responder sinceramente à pergunta: Mas você acredita? Acredita que eu seja o seu Deus?” (PAZZI, 2001, p. 18).

No livro de Harris, também no capítulo 2, há uma cena semelhante na qual Lomeli tenta rezar, mas não consegue concentrar-se porque recorda a última conversa que teve com o papa morto e revela aos leitores seu pedido de renúncia ao Sumo Pontífice porque acreditava estar afastando-se de Deus: “*Você sabia das minhas dificuldades*, disse ele para a porta fechada, *mas não aceitou minha renúncia. Muito bem. Eu compreendo. Deve ter tido suas razões*. (HARRIS 2020, p. 39, grifo do autor). Além disso, ao refletir após a leitura *Meditações antes da missa*, de Guardini³³, o cardeal acredita que talvez ele próprio fosse “O padre que celebra a missa e, no entanto, é incapaz de alcançar a comunhão.” (HARRIS, 2020, p. 86)

Assim, tem-se nas obras, alusão a dois dos mais importantes momentos da liturgia cristã: a Comunhão, um dos sete sacramentos da Igreja Católica citado por Harris, que é considerada o instante em que os fiéis podem partilhar algo em comum com Deus, e o ritual de consagração, citado por Pazzi, que é tido como o momento da missa em que o padre age “*in persona Christi*”, ou seja, como se Jesus estivesse pessoalmente presidindo a celebração. Dessa forma, se considerarmos que os autores inserem os dois elementos do ritual litúrgico que mais exigem credulidade por parte dos fiéis, é possível afirmar que tanto Malvezzi quanto Lomeli partilhavam uma dúvida comum em relação à própria fé.

Por conta das dúvidas em relação à fé, ambas as personagens sentem-se indignas de estarem em um conclave. Malvezzi, sentindo-se desajustado naquele ambiente, pergunta-se “E um homem desses pode estar ali, em meio àqueles que devem eleger o papa, ou, pior ainda, em meio àqueles que podem ser eleitos?” (PAZZI, 2001, p. 18). Lomeli compartilha o mesmo sentimento quando reflete que “Quanto mais subia profissionalmente, mais o Céu recuava para longe de seu alcance. E agora recaía sobre ele, *de todas as criaturas sem merecimento*, guiar seus companheiros cardeais na escolha do homem que deveria portar as chaves de São Pedro.” (HARRIS, 2020, p. 41, grifo nosso)

Outra aproximação percebida entre as duas personagens protagonistas é o fato de serem acusadas pela Cúria de uma “falsa modéstia”, ambicionando uma eleição ao cargo máximo da

³³ Teólogo alemão, escritor de obras sobre a liturgia da religião católica e que inspirou Ratzinger na composição de seu pensamento a respeito do sentido da liturgia.

Igreja Católica Romana. Isto é, Lomeli e Malvezzi são acusados por aliados de afirmarem não querer o papado e de não serem dignos ao cargo como estratégia para conquistar votos por meio da humildade e da modéstia. As acusações sofridas pelos protagonistas demonstram que os escritores buscaram revelar aos leitores que a disputa não é tão pacífica como a Igreja costuma mencionar, uma vez que a Cúria divulga aos fiéis, segundo dogmas do catolicismo, que a eleição dá-se de forma amena e de acordo com o desejo do Espírito Santo.

Essa situação pode ser observada, no romance de Pazzi (2001), na cena em que Malvezzi, depois de uma reunião com cardeais italianos apoiadores de Cerini, cardeal italiano favorito dos liberais, recebe o voto de um cardeal libanês e é acusado pelos colegas de votar em si mesmo. A acusação é feita por Rabuiti, maior defensor da candidatura de Cerini: “Será melhor lembrar Malvezzi de suas responsabilidades, eu não esperava que ele votasse em si mesmo.” (p. 40)

Situação similar acontece na obra de Harris, quando, após a missa *Pro eligendo Romano pontifice*, liturgia aberta ao público e realizada antes do início do conclave, Lomeli é acusado de usar o sermão para fazer campanha do próprio nome. Mesmo negando o desejo de tornar-se papa, Bellini, o maior favorito ao papado por conta de sua proximidade com o papa morto, continua a acusá-lo: “– Ora, agora está sendo dissimulado, Jacopo – [...] – sabe muito bem do que estou falando. Em pensar que há pouco tempo você estava pensando em renunciar. Mas, agora?” (HARRIS, 2020, p. 103).

Há outras semelhanças entre as obras, além das apresentadas acima. A composição das personagens favoritas ao cargo seguem caracterizações quase idênticas, o que é relevante, pois esses cardeais são as representações das diferentes ideologias da Igreja Católica Romana: os tradicionalistas, que não desejam que a Igreja adapte-se às mudanças; os progressistas, que julgam ser necessária uma reforma na Cúria, com contestações aos dogmas que não se sustentam na atualidade; aqueles que entendem a carreira eclesiástica como uma relação política permeada por ambições e troca de favores; e, por fim, os prelados que nutrem a esperança em ver o primeiro papa negro da história.

Os dois romances usam cardeais caracterizados como representação das ideias supracitadas para retratar os favoritos ao cargo. Na narrativa de Pazzi (2001), os favoritos, que vão surgindo ao longo do processo eleitoral, são o italiano com tendências reformistas, Cerini; outro italiano com tendências tradicionalistas, Mascheroni; e o favorito a tornar-se o primeiro para africano, Ugamwa. Já os favoritos apresentados por Harris (2016) desde o início da narrativa são: Bellini, o candidato italiano com ideias reformistas e liberais; Tedesco, o italiano ortodoxo; e Adeyemi, o candidato africano. A exceção, nesse caso, será somente na troca de

nacionalidade feita por Harris, pois, enquanto na obra de Pazzi, os políticos são representados pelo brasileiro José Maria Rezende, em *Conclave* (2016) a representação é feita por um cardeal canadense, Tremblay.

É interessante destacar também que, em ambas as obras, nenhum dos favoritos consegue se eleger, o que pode ter sido uma simples escolha narrativa, feita por ambos os escritores, para tentar surpreender os leitores. Ou pode estar relacionada à comprovação do tradicional ditado do Vaticano, no qual afirma-se que “Aquele que entra em um conclave como papa sai como cardeal”, isto é, os especialistas em assuntos do Vaticano acreditam que o cardeal que vai ao conclave favorito ao cargo, geralmente, não é eleito. Segundo o Instituto Humanitas Unisinos (2019), só em duas ocasiões recentes, esse ditado foi desafiado: em 1963, quando o cardeal Giovanni Montini foi eleito Paulo VI e, em 2005, com a escolha do cardeal Joseph Ratzinger como Bento XVI.

Embora a representação dos grupos ideológicos seja muito semelhante, cabe ressaltar a diferença na forma de apresentação dos favoritos à eleição, pois enquanto a obra de Harris (2016) declara, desde os primeiros capítulos, quais serão os candidatos possíveis de conquistarem o papado, Pazzi (2001) vai mostrando uma mudança de nomes ao longo da narrativa, os acontecimentos é que vão determinando os candidatos mais fortes. Na verdade, esse aspecto reflete o que os cardeais afirmam acontecer, de forma concreta, durante uma verdadeira eleição papal. Nomes sem força podem surpreender, como afirmou Dom Raymundo Damasceno Assis, em entrevista, antes do conclave que elegeu o papa Francisco.

O resultado de um conclave é sempre uma surpresa. Pode durar um tempo longo ou ser muito rápido. O papa Bento XVI foi eleito no quarto escrutínio, em dois dias. Ninguém entra candidato a Papa, não é uma convenção política. Não há propaganda, publicidade. Todo mundo entra com poder de ser votado e votar. (ASSIS apud MAGALHÃES, 2013).

Além de caracterizarem personagens de forma muito próxima, outro aspecto que se destacou nas duas obras foi a referência ao *Juízo Final*³⁴, pintada por Michelangelo no teto da Capela Sistina, como um elemento capaz de gerar transformações dentro da narrativa. Na obra de Pazzi (2001), o afresco, durante todo o processo, sofre ataques, primeiro de pragas (ratos e escorpiões, que ameaçam devorá-lo), depois, quando a imagem começa a desaparecer inexplicavelmente diante dos olhos de todos. Em todas essas situações, só as imagens de Maria e de Cristo permanecem imunes aos ataques. Tal situação é descrita no trecho a seguir:

³⁴ O *Juízo Final* foi pintado entre 1535 e 1541 e representa a visão do artista sobre o fim da raça humana na terra, com Jesus Cristo decidindo quem deveria ir para o céu e quem seguiria para o inferno.

O afresco de Michelangelo do *Juízo Universal* está lentamente desaparecendo, como uma visão que se evapora no ar. Os rostos dos santos e dos danados estão plúmbeos, sem fisionomia, sem olhos, rugas, encarnados. Bem e Mal se confundem. [...] Apenas os rostos de Maria e do Salvador resistem ao centro daquela imensa sombra cinza, que no imaginário de milhões de homens, há séculos estava bem viva nas formas do juízo que espera pela humanidade no fim dos tempos. (PAZZI, 2001, p. 174 – 175, grifo do autor)

Uma interpretação possível é a de que o escritor italiano usa o afresco, desde o início, como uma mensagem de Deus para os cardeais votantes: eleger um representante capaz de reaproximar a Igreja dos valores de Cristo. Pois, como já citado anteriormente, o afresco tem papel fundamental no desfecho da narrativa, já que é por meio dele que os cardeais acreditam receber o sinal de Deus para o fim do conclave.

A imagem de uma Igreja mais próxima aos verdadeiros valores cristãos também é argumentada no romance de Harris (2016) em um diálogo entre Lomeli e Benítez sobre o futuro do conclave, no qual o filipino acusa a maioria dos cardeais de venerar mais a Instituição do que o próprio Deus. A acusação perturba o carmelengo a ponto de ele considerar ser aquela a justificativa para sua falta de fé.

Sua conversa com Benítez o deixara profundamente perturbado. Não conseguia tirá-la da mente. Seria possível que ele tivesse passado os últimos trinta anos venerando a Igreja, em vez de Deus? Porque essa, em essência, era a acusação que Benítez tinha lançado contra ele. Em seu coração, ele não conseguia fugir à verdade que havia nessa acusação: o pecado, a heresia. Era de se admirar que a oração tivesse se tornado algo tão difícil para ele? (HARRIS, 2020, p.185)

Embora citado com menos frequência, o *Juízo Final* também aparece na obra de Harris descrito como elemento transformador: primeiro, o afresco é descrito como uma imagem capaz de inebriar qualquer pessoa que parasse para admirá-lo, depois como se tivesse o poder de sugar as pessoas para dentro de sua cena. Além disso, o afresco torna-se para Lomeli um sinal da existência de Deus quando, na sétima votação, ele vota em si mesmo e, ao olhar para a obra de Michelangelo, sente-se profundamente envergonhado pelo pecado cometido e assume seu temor a Deus. Constatamos tal situação no trecho:

A dimensão total de seu perjúrio não se fez clara para ele senão quando parou diante do altar e pôs a cédula dentro do prato. Nesse instante, viu bem à sua frente a reconstituição de Michelangelo dos condenados sendo arrancados da barcaça e arrastados rumo ao inferno. *Senhor amado, perdoai o meu pecado.* (HARRIS, 2020, p. 226, grifo do autor)

Ao olhar para os condenados do *Juízo Final*, Lomeli se reconhece pecador e teme o julgamento do Cristo juiz sobre o seu ato. E, assim, o afresco ajuda o cardeal, que desde o início

do conclave, afirma sofrer “Uma espécie de insônia espiritual” (HARRIS, 2020, p.16) a retomar a sua crença na existência de um Deus na Igreja Católica Romana. A partir desse fato, o decano sente-se mais confiante na condução do conclave e passa a dedicar-se às investigações a fim de garantir que o papado ficasse com um cardeal merecedor da cadeira de Pedro.

Considera-se ainda, como ponto de aproximação entre as obras, a utilização do ritual católico como espaço para o questionamento de algumas tradições, convenções e restrições da Igreja, por exemplo, o próprio conclave. Os dois escritores usam as angústias e os pensamentos das personagens sobre o celibato e o papel da mulher dentro da instituição para propor uma reflexão sobre certos costumes e dogmas sobre os quais se fundamentam o catolicismo.

A primeira reflexão proposta por Pazzi (2001) é sobre a condição humana. O escritor descreve uma cena na qual Malvezzi reza por aqueles que lhe pediram oração. Nesse instante, o cardeal se dá conta de uma humanidade repleta de vícios e de fraquezas e começa a refletir sobre os relacionamentos entre os seres humanos e o que seria capaz de causar uma transformação.

Reza, e do panorama de seus fiéis sai um fedor indistinto e confuso de vilanias, vícios, fraquezas e egoísmo: a massa de que foram feitos os seres humanos, como ele, é como as sombras [...] Mas também uma estranha capacidade de se doar sem interesse, de se consumir por alguém que amam. A única força capaz de libertá-los do egoísmo é o amor. (PAZZI, 2001, p.10)

Para Malvezzi, o amor seria então a força capaz de transformar a humanidade. Tal força também é destacada na narrativa de Harris, quando Benítez, cardeal de Bagdá, descreve os horrores enfrentados pelos cristãos no Oriente Médio e na África. Embora, a narração pareça ter o intuito de criticar a perseguição vivenciada por católicos nesses lugares, a afirmação final retoma a ideia de que o amor é capaz de dar estímulo tanto para buscar quanto para gerar transformações. Afinal, as pessoas que morreram no amor de Cristo nessas regiões, lutaram pela liberdade de professar a própria fé.

Eu já vi nossos lugares sagrados sob bombardeio e vi nossos irmãos e irmãs como cadáveres enfileirados no chão, tanto no Oriente Médio como na África. Eu os confortei nos seus momentos de desespero e os sepelei, e posso lhe afirmar que nenhum deles, nem um sequer, gostaria de ver a violência sendo respondida com a violência. *Eles morreram no amor de Cristo, e pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.* (HARRIS, 2020, p. 247, grifo nosso)

Outro exemplo que pode ser citado, ainda no que diz respeito às críticas às tradições, é a referência que ambos os escritores fazem ao celibato sacerdotal, condição imposta aos que ocupam cargos religiosos como padres, bispos e freiras. Pazzi (2001) propõe uma reflexão sobre

a questão de forma sutil ao resgatar, durante o conclave, as paixões proibidas vividas por alguns dos cardeais e insinuar que eles buscaram na religião uma forma de fugir dos próprios desejos. É o caso de Matis Paide, cardeal que, ao perceber-se apaixonado pela própria irmã, decide ir embora do vilarejo em que vive e buscar refúgio no sacerdócio:

O que ele sabia sobre o prazer e sobre o amor, ele que sempre se sublimou na fé, após ter visto sua luz encantadora no deserto de sua ilha, quando uma paixão que não podia se legitimar lhe fez entender aos vinte anos que não poderia amar como a uma irmã sua irmã Karin? [...]

Aos 66 anos aquela lembrança ainda vive em sua memória, como se quase cinquenta anos não tivessem passado. E é extremamente grato ao destino que lhe permitiu experimentar aquela febre, o amor por uma mulher. (PAZZI, 2001, p. 49).

O escritor volta a mencionar o assunto ao inserir a reflexão de que muitos religiosos questionam-se sobre a renúncia que aceitaram ao decidirem seguir a carreira eclesiástica.

Aquelas carnes nunca conheceram a doçura que atenuava o seu declínio. E, se um dia foram vistosas e belas como a daqueles magníficos jovens, nunca o foram para deleitar os olhos de uma mulher. Jovens e fecundas, elas foram oferecidas a Deus e ao tempo que as consumisse. [...] A Igreja era rica dessas renúncias, uma ferida aberta que aprendemos a suportar, ainda que às vezes sejamos levados a pensar em como teria sido a outra escolha. (PAZZI, 2001, p. 131).

Harris aborda a mesma questão quando descreve Lomeli refletindo sua condição de celibatário e o arrependimento por aquela escolha:

O celibato não o fizera sentir nem assexuado nem frustrado, como o mundo secular geralmente imagina que seja um sacerdote, mas em vez disso forte e pleno. [...] Não era totalmente ingênuo. Sabia o que era experimentar o desejo e ser desejado tanto por mulheres quanto por homens. E ainda assim jamais sucumbira à atração física. Sua glória era sua solidão. Somente quando foi diagnosticado com câncer de próstata que começou a meditar no que teria deixado de aproveitar. [...] A tortura de todas as noites não era mais a da luxúria, e sim a do arrependimento. (HARRIS, 2020, p.85).

Mais um assunto discutido em ambas as obras foi o próprio ritual da eleição. Em *Conclave* (2001), um diálogo entre os cardeais de Bogotá e de Cuba questiona a tradição arcaica de divulgar o resultado da eleição após cada escrutínio e a lentidão que causava o intervalo entre as votações.

Resgatara-se o antigo costume de queimá-las para anunciar ao mundo, com fumaça negra ou branca, o resultado negativo ou positivo da votação.

O arcebispo de Bogotá faz entender, em espanhol, que aquela fumaça, além de penosa, é ridícula. Com frequência, a fumaça de cor incerta dá margem a interpretações equivocadas. Quem, hoje em dia, sabe acender aquele forno? O primaz cubano lhe dá razão, acrescentando em voz alta que se fosse o camerlengo procederá logo a uma outra votação, seguindo assim até a noite, com vários escrutínios... (PAZZI, 2001, p. 40).

Em *Conclave* (2016), a crítica é feita por Lomeli enquanto observa os quatro favoritos ao papado.

Aqui e ali ele assinalava a presença dos concorrentes mais fortes – Bellini, Tedesco, Adeyemi e Tremblay – sentados bem distantes uns dos outros, cada um preocupado com seus próprios pensamentos, e ocorreu-lhe o quanto o Conclave era um instrumento imperfeito, arbitrário, feito pelo homem. Não tinha nenhuma base, absolutamente, nas Sagradas Escrituras. Não havia nada em São Paulo dizendo que Deus havia criado cardeais. Onde será que eles se encaixavam na imagem de São Paulo sobre Sua Igreja como um corpo vivo? (HARRIS, 2020, p. 91).

Além disso, ambos os escritores inserem nas narrativas a referência à fragilidade do catolicismo em meio ao período de Sede Vacante. Nos dois romances, o assunto é abordado no momento em que cada conclave enfrenta o seu maior ataque: em Pazzi (2001), uma tempestade que ameaça destruir a cidade de Roma e em Harris (2016), com ataques terroristas coordenados em vários países. *Conclave* (2001) apresenta um imenso temporal que alaga as ruas, faz ruir alguns edifícios e que ameaça destruir prédios e monumentos históricos e, nesse contexto de medo e de destruição, o escritor menciona a resistência que a Igreja enfrenta diante do governo italiano quando reivindica ajuda para o Vaticano por causa da tempestade:

Nasali Rocca, Collona e Orsini não podem apresentar mais nenhum protesto ao seco clique telefônico que seguiu suas últimas palavras. Poderiam invocar algumas normas do acordo que preveem por parte do Estado italiano assistência em caso de calamidades públicas, mas notaram sua inutilidade, até porque é indubitável a fraqueza da Sede Vacante. Sem papa, o Vaticano está dividido e quem sabe se, no governo, alguém sonhe com uma perpétua ausência [...] (PAZZI, 2001, p. 217).

Na narrativa de Harris (2016) não é diferente. O comentário sobre essa fragilidade da Igreja é feito enquanto Lomeli, O'Malley e Mandorff comentam os ataques terroristas por toda Europa:

- Um ataque armado em Roma, por si só, já é algo chocante. Mas um ataque deliberado contra a Igreja católica em três países diferentes no momento em que estamos escolhendo um novo papa? Se não tivermos cuidado, o mundo pode ver isso como o começo de uma guerra religiosa. [...]
 - E eles nos golpearam precisamente numa hora em que estamos sem um líder. [...]
 - Meu Deus! – murmurou – que imagem de impotência devemos estar exibindo diante do mundo! (HARRIS, 2020 p. 234).

É interessante observar ainda como as obras parecem completar-se em alguns pequenos aspectos. Exemplo disso é a citação, feita por Malvezzi, ao exame de virilidade a que eram obrigados os papas eleitos antes daquele conclave com o intuito de verificar as condições físicas e sexuais próprias do sexo masculino, pois a abolição dessa regra tem muita relevância na

eleição do conclave de Harris (2016). Se o exame ainda fosse requisitado, o papa eleito em *Conclave* (2016) não seria considerado merecedor do cargo, uma vez que os cardeais elegem papa um homem transexual.

Além disso, durante o estudo das obras, surgiu um questionamento pertinente: seria a obra de Harris (2016) uma sequência do romance de Pazzi (2001)? Isto é, o conclave narrado por Harris poderia ser considerado o sucessivo ao descrito por Pazzi? Apesar das similitudes evidenciadas nos parágrafos a seguir, a teoria de que o romance de Harris (2016) poderia ser a narração do conclave sucessivo ao de Pazzi (2001) não pode ser comprovada. Isso se deve a um elemento fundamental: o tempo descrito pelos autores, já que o conclave escrito por Pazzi (2001) tem a duração de quatro meses, e Harris (2016) afirma que narra a eleição mais longa dos tempos recentes, com duração de três dias.

Aliado à questão do tempo, o romance de Harris acrescenta a informação de que, há cerca de quarenta anos, a cadeira de Pedro não é ocupada por um italiano, uma referência direta a João Paulo I, último papa italiano, com um papado de apenas 33 dias. Logo, constata-se a impossibilidade do papa morto em *Conclave* (2016) ser Ettore Malvezzi, personagem protagonista eleito na obra de Pazzi (2001). Assim, o questionamento que surgiu durante o estudo não pode ser confirmado, mesmo com evidências de que a interpretação seria possível, como pode ser verificado nas considerações abaixo.

A primeira semelhança identificada é que Ettore Malvezzi, o papa eleito em Pazzi (2001), tem uma caracterização muito próxima a do papa falecido em Harris (2016). De início, foi possível perceber que o traço da fé enfraquecida não é uma característica comum somente aos protagonistas Lomeli e Malvezzi. Pois, o papa falecido no romance de Harris (2016), que não é nomeado, também é descrito como alguém que havia perdido a fé na Igreja, o que pode ser verificado no diálogo entre Lomeli e Bellini logo após o falecimento deste:

- O papa me falou de suas dificuldades com a prece. Talvez eu possa ajudar. Sabe que ele próprio tinha dúvidas, agora no final?
- O papa tinha dúvidas acerca de Deus?
- Não acerca de Deus! Nunca quanto a Deus! – E então ele disse algo que Lomeli nunca iria esquecer – A fé que ele tinha perdido era a fé na Igreja. (HARRIS, 2020, p. 30).

Em Pazzi (2001), Ettore Malvezzi, desde o início, é descrito como um cardeal que vacilava em sua fé na Igreja, pois não conseguia mais manter-se concentrado nos rituais nem acreditar cegamente em alguns dogmas impostos pelo catolicismo.

Outrossim, a humildade é outro traço de personalidade comum: Malvezzi é descrito como um cardeal de escolhas modestas no vestuário e na mobília e que sentia “saudades dos degraus

mais baixos, dos primeiros degraus no seminário de Bolonha.” (PAZZI, 2001, p.13) e, o falecido papa de Harris era alguém que “[...] escolheu viver como um dos mais humildes da Terra” (HARRIS, 2020, p. 28) e que “[...] se recusara a usar as vestes papais mais elaboradas.” (HARRIS, 2020, p. 195).

Ademais, no romance de Pazzi (2001), Ettore Malvezzi se mostra disposto a promover uma renovação na Igreja, principalmente, no que se refere ao papel reservado às mulheres dentro do catolicismo. O cardeal Malvezzi afirma, em conversa com o camerlengo Veronelli sobre a morte de Mascheroni, cardeal favorito dos tradicionalistas, que eles estão próximos ao dia em que uma mulher será eleita papisa.

- Mas, então como sairemos dessa? [...]
- Mas parece que pode receber uma verdade pelo que aconteceu ao pobre Mascheroni...
- Depois falaremos do fim daquele infeliz. Mas diga-me o que é essa verdade?
- Que não estamos tão longe assim do dia em que veremos uma mulher no pontificado. Veronelli arregala os olhos, agitando-se na poltrona.
- [...]
- Aquela sua trágica máscara no leito de morte, que você quis apagar também significava isso. (PAZZI, 2001, p. 209).

De modo similar, o papa morto em *Conclave* (2016) também buscava uma reforma na Igreja e defendia que as mulheres ocupassem cargos dentro da Cúria que não fossem reservados somente a cuidar dos cardeais, como afirma Bellini “[...] mas não há nada que nos impeça de trazer mulheres para dentro da Cúria nos níveis mais altos. O trabalho é administrativo e não sacerdotal. O falecido Santo Padre falou disso muitas vezes.” (HARRIS, 2020, p. 80).

Além disso, sabendo sobre final escolhido por Harris para o seu romance, a eleição de um homem transexual, é possível afirmar que o falecido papa de *Conclave* (2016) concretizou a previsão feita por Malvezzi na obra escrita quinze anos antes. O autor afirmou, em entrevista ao jornal *Il Fatto Quotidiano*, que a escolha foi uma forma de vingar as mulheres que “Na Igreja, são reduzidas a camareiras.”³⁵ (HARRIS *apud* D’ESPOSITO, 2016, tradução nossa).

Além de tudo que foi citado, outras coincidências ligam as duas personagens, como o fato de ambos serem eleitos, mesmo sem contar com o favoritismo. Acrescenta-se ainda a busca de ambos por uma Igreja mais próxima aos pobres, mais humilde, reformada, na qual o centro da religião fosse o Cristo e seus ensinamentos e não a veneração aos preceitos e às tradições da instituição. Pelo exposto, é possível perceber que o papa morto em Harris e Ettore Malvezzi,

³⁵ Traduzido do italiano: “Nella Chiesa sono ridotte a fare le cameriere”

personagem de Pazzi, apresentavam muitos traços de personalidade comuns e o estudo entende que trata-se de mais um exemplo da intertextualidade entre os dois romances.

Na análise, entendemos a intertextualidade como “uma espécie de citação inconsciente ou automática realizada sem aspas e sem a explicitação do texto de origem”. (ALÓS, 2012, p. 11). Essa definição aliada aos conceitos e aos exemplos citados neste subtópico, permitem ao estudo afirmar que a intertextualidade entre as obras analisadas neste trabalho pode ser compreendida como uma influência da obra de Roberto Pazzi na escrita de Robert Harris.

De acordo com Nitrini (2015), a influência entre duas obras pode ser definida por “algo que existe na obra de um autor que não poderia ter existido se ele não tivesse lido a obra de um autor que o precedeu.” (NITRINI, 2015, p.130). Levando em consideração essa definição, a análise entende que os elementos supracitados são exemplos que comprovam a existência da influência de Pazzi na escrita do romance de Harris, pois as referências apresentadas são facilmente percebidas durante a leitura, como é o caso da caracterização das personagens relevantes para os enredos, da escolha das temáticas refletidas nas obras, da preferência pela onisciência seletiva na narração e do enfoque no afresco de Michelangelo como elemento de transformação nos rumos do conclave.

4.3 Os distanciamentos

Depois de verificar alguns elementos similares, seria possível afirmar que *Conclave* (2016) seria uma imitação da obra de Roberto Pazzi (2001)? Esta seção apresentará as diferenças as quais permitem afirmar que a obra de Harris (2016), apesar das influências verificadas, não se trata de uma mera imitação do romance *Conclave* (2001), pois a análise percebeu também que há elementos nos quais é possível identificar que houve uma reinterpretação e uma possível mudança nos objetivos do autor de *Conclave* (2016).

É importante ressaltar, de início, que *Conclave* (2016) tem uma estrutura narrativa muito semelhante ao romance de enigma³⁶. Segundo Silva (2009), esse tipo de narrativa desenvolve-se em “uma luta entre as forças antagônicas – o bem e o mal.” (p. 98). Além disso, a narrativa de enigma oferece ao leitor sempre duas histórias distintas: o crime e a investigação e “O verdadeiro tema não é o crime, mas o esforço para desvendar a charada. O temor frente ao desconhecido, bem como a surpresa e o espanto causados pela elucidação do enigma são traços destas narrativas policiais.” (p. 98)

³⁶ A primeira forma do romance policial, de acordo com Albuquerque (1979, p.2 apud SILVA, 2009, p. 97)

Assim sendo, embora não haja um crime a ser resolvido no romance de Harris, a estruturação do enredo assemelha-se ao de uma narrativa de enigma. No caso de *Conclave* (2016), os “suspeitos” são os favoritos ao papado e o “investigador”, o cardeal Lomeli. Assim, a história de Harris oferece ao leitor um cardeal, preocupado com a escolha do novo líder da Igreja, que faz investigações a fim de auxiliar para que o eleito seja digno ao cargo. Dessa forma, o esforço em desvendar as questões e o suspense a cada revelação fazem com que os leitores sintam-se mais atraídos em entender as relações e as artimanhas que levaram ao resultado final da eleição.

Esse aspecto pode ser comprovado com a cena em que Lomeli invade o quarto lacrado do falecido papa em busca de provas contra o cardeal Tremblay, acusado de ter sido destituído pelo falecido papa de suas funções na Cúria, e que naquele momento da narrativa, era o favorito ao papado:

Depois de verificar que o corredor estava deserto, Lomeli caminhou depressa. Do lado de fora do apartamento do Santo Padre, as velas votivas, ardiam em seus vidros vermelhos. Ele contemplou a porta. Por uma última vez, hesitou. [...] Ele enfiou a chave na fechadura e a girou. A porta se abriu, uma pequena fração. As faixas, seladas por Tremblay com tanta pressa após a morte do Santo Padre, se esticaram, impedindo que ela se abrisse por completo. Lomeli examinou os selos. [...] Não resistiram a um instante de pressão. Ele empurrou a porta com mais força. A cera se rachou e se partiu, os laços se afrouxaram e a passagem para dentro dos aposentos papais estava livre. Ele se benzeu, cruzou o umbral e fechou a porta. (HARRIS, 2020, p. 193)

Na obra de Pazzi, não há essa estruturação verificada no romance de Harris (2016), uma vez que *Conclave* (2001) descreve uma eleição que, apesar de enfrentar muitos desafios, não apresenta a tensão ou a espera por revelações que anulariam o favoritismo dos cardeais e, assim, adiariam a escolha do novo papa.

Se levarmos em consideração ainda a forma como se decidem as eleições nas duas obras, pode-se afirmar que os autores fazem escolhas distintas para expor a forma como a Igreja elege o seu líder. Assim, o conclave narrado por Pazzi é decidido depois de uma experiência sobrenatural, na qual todos os cardeais votantes têm o mesmo sonho e acreditam que o Espírito Santo apontou o escolhido para ser o sucessor de Pedro. Em oposição à inspiração divina, a eleição na obra de Harris vai sendo moldada somente pelo debate e pelas descobertas que derrubam os favoritos.

Portanto, Pazzi (2001) corrobora a ideia do papa ser escolhido por inspiração divina, como prega a tradição católica, enquanto o conclave de Harris é definido, unicamente, pelo jogo político entre os cardeais. Isso pode ser justificado pelas preferências dos escritores, uma vez que Pazzi tem predileção em compor obras com elementos fantásticos e Harris é um autor

que se preocupa em estudar bastante as temáticas de seus livros a fim de produzir narrativas próximas à realidade.

Ademais, a composição das narrativas se dá de forma distinta, pois *Conclave* (2001) apresenta uma história principal (a eleição) e histórias secundárias, Francesco, sobrinho de Malvezzi em um hospital, à espera de notícias do tio e um casal de namorados que se encontram às escondidas em um prédio de Roma.

Assim, *Conclave* (2001) expande a narrativa para além dos limites da história principal e para fora do Vaticano, apresentando personagens secundárias, com outras perspectivas sobre os acontecimentos. Tal situação pode ser comprovada no trecho a seguir em que Anna e Lorenzo acompanham a tempestade que ameaça destruir a cidade de Roma:

[...] numa outra janela, um casal de jovens está observando aquele fim de mundo.
[...] a tempestade adia os limites dos horários, suspendendo hábitos e deveres, como um presente oferecido pela natureza a ela e a Lorenzo que não têm a mínima vontade de se separar. (PAZZI, 2001, p. 217 – 218).

Assim, a tempestade é apresentada ao leitor por duas perspectivas distintas em *Conclave* (2001), a de Malvezzi, que a considera o último insulto do Mal contra o conclave e, a de Anna e Lorenzo que enxergam naquele momento a possibilidade de ficarem mais tempo juntos. O trecho exemplifica, então, que o fato de inserir histórias secundárias proporciona a Pazzi a possibilidade de combinar dois tipos de narração.

Contrariamente à obra de Pazzi (2001), a obra de Harris (2016) é focada exclusivamente no processo de eleição do novo papa. Assim, *Conclave* (2016) apresenta ao leitor uma narrativa que se desenvolve, exclusivamente, dentro do Vaticano e com foco nas relações entre os religiosos, nas consequências de suas ações e de suas fraquezas, nos limites ultrapassados em nome da ambição. Como pode ser demonstrado na cena em que Lomeli afirma a Benítez, logo após o cardeal de Bagdá ter sido eleito papa, que conseguirão manter o segredo sobre sua identidade de gênero, dando um cargo a O'Malley: “- Eu diria que há uma chance razoável de que possamos manter isso em segredo, a curto prazo. O'Malley pode ser promovido a arcebispo e enviado para algum lugar. Ele não falará; posso me acertar com ele.” (HARRIS, 2020, p. 266).

Sendo assim, enquanto *Conclave* (2001) propõe uma ficção na qual existe espaço para ações e reflexões fora do eixo central, que é o Vaticano, Harris dedica-se unicamente a apresentar uma “fotografia” da estrutura política predominante no alto escalão da Igreja, como a troca de favores descrita acima. Entende-se, portanto, que há diferenças na organização das duas narrativas, comprovando que, apesar de existir uma influência perceptível de *Conclave* (2001), Harris mantém escolhas e elementos característicos do seu próprio estilo.

No que diz respeito à composição dos protagonistas, há um possível ponto de divergência: a forma como Ettore Malvezzi e Jacopo Lomeli são vistos pelos outros cardeais que compõem a Cúria. As duas obras apresentam uma distinção clara para os religiosos: existem aqueles que têm vocação para o sacerdócio e, portanto, para serem pastores da Igreja, e existem os clérigos que possuem vocação para as relações políticas e administrativas da instituição.

Dessa forma, *Conclave* (2001) apresenta um cardeal recém-eleito, em fase de observação e “que é mais considerado um pastor que um sábio ou um político.” (PAZZI, 2001, p.14), o que reforça a ideia de que o autor imaginou um conclave no qual houvesse uma renovação da Igreja. Em oposição, *Conclave* (2016) descreve Lomeli como um cardeal experiente, com carreira religiosa de prestígio e que, nas palavras do falecido papa, não tinha vocação para pastor, uma caracterização pertinente dos “carreiristas religiosos” e que pode ser comprovado pelo trecho no qual o pontífice morto afirmou ao próprio Lomeli que “Alguns são escolhidos para ser pastores, outros para administrar a fazenda. O senhor *não é um pastor, é um administrador.*” (HARRIS, 2020, p. 17, grifo nosso).

Esse traço de diferenciação interfere diretamente no resultado da eleição em cada uma das obras. Baseado na hipótese de que Roberto Pazzi produziu uma obra que apresentou um conclave que buscava uma humanização da Igreja, o estudo entende que a melhor escolha seria Ettore Malvezzi, cardeal com vocação para ser pastor máximo do catolicismo. Da mesma forma, se consideramos o impacto da revelação final de Harris e a necessidade de ocultar a eleição de um homem transexual ao papado, a melhor escolha para conduzir essa situação seria mesmo a de um administrador, como é o caso de Jacopo Lomeli.

Além das diferenças supracitadas, outro ponto de afastamento das escolhas feitas por Pazzi e Harris será analisado a partir de um conceito de Umberto Eco (2000), que propõe uma distinção entre *literatura de entretenimento* e *literatura de proposta*, e afirma ainda que as categorias seriam regidas por dois critérios diferenciais: a originalidade e o esforço. Nesse sentido, é possível apontar como outro elemento de distanciamento o critério do esforço exigido ao leitor por cada uma das obras.

No que se refere ao esforço, a *literatura de proposta*, segundo Eco (2000), busca desafiar o leitor, exigindo, geralmente, conhecimentos anteriores que proporcionem a capacidade de fazer inferências durante a interpretação. Um exemplo dessa exigência, na obra de Pazzi, seria a referência às pragas que acometem o Vaticano durante o conclave.

Nesse contexto, Culler (1993) afirma que uma linguagem figurativa que exija esforço do leitor para interpretá-la é uma das formas de identificar a literariedade de um texto, uma vez que um dos objetivos da linguagem literária é criar uma nova percepção. Para isso, o objeto e a

palavra são colocados no texto em uma perspectiva incomum a fim de provocar no leitor o esforço da interpretação. Portanto, os exemplos que seguem pretendem confirmar esse elemento da literariedade na obra de Roberto Pazzi e o esforço exigido em uma literatura de proposta.

Em *Conclave* (2001), o Vaticano é ameaçado, de início, por três pragas de animais que são combatidas por outras espécies. E, uma vez que a narrativa não esclarece as possíveis representações para essas maldições, faz-se necessário que o leitor busque ou tenha conhecimentos sobre os possíveis significados de cada uma para compreender as ameaças retratadas na obra.

Assim, é possível afirmar que as pragas foram usadas como metáfora para os ataques à Igreja, considerando que, desde a Idade Média

[...] os seres da natureza foram, na vertente do simbólico, entendidos como manifestações da potência criadora da divindade. [...] Visto isso, torna-se necessário salientar o fato de que, a partir da influência do pensamento mais culto da cristandade medieval, os animais foram representados de forma simbólica, muitas vezes, em detrimento da sua realidade empírica. [...] Em se tratando dos animais, consoante a isso, por exemplo, a realidade natural desses empenhava-se com figurativismos, figuralidades e simbolismos, que em virtude da religião constavam-se moralisticamente doutrinários. Assim, para cada planta, pedra ou animal, deveria haver um vício ou virtude que pudessem lhes corresponder anagógicamente.³⁷ (FREITAS JUNIOR, 2009, p.22).

Dessa forma, os animais transcenderiam o nível da existência, para tornarem-se representação de virtudes e de vícios, alguns próximos à imagem de Cristo e outros a do Diabo, carregando em si características próprias. Portanto, é possível afirmar que as espécies foram escolhidas como forma de representar as ameaças à Igreja.

A primeira praga é de ratos que devoram as obras de arte e que assustam os cardeais, invadindo seus quartos. Para a tradição cristã, os ratos são criaturas de destruição, hipocrisia e covardia e simbolizariam, no contexto da narrativa, um Vaticano invadido por criaturas hipócritas e covardes. Para combatê-los, Nasali Rocca, chefe da guarda, propõe encher as ruas e os prédios com gatos, animais que significam proteção e defesa contra as influências negativas³⁸, portanto, usá-los seria uma boa estratégia para vencer a covardia e a hipocrisia representadas pelos ratos.

A metáfora de um Vaticano invadido por covardes pode ser confirmada pela cena em que dois cardeais americanos planejam fugir da clausura imposta pelo conclave.

³⁷ Em que há anagogia, passagem do sentido literal ao místico.

³⁸ Informação retirada de **A SIMBOLOGIA DOS ANIMAIS EM EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS INGLÊS-PORTUGUÊS: UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA**, 2009, p. 75

Os dois purpurados, de 73 e 79 anos, fizeram um acordo para tentar fugir durante a noite, quando a vigilância do pessoal da enfermaria era mais escassa. Depois de escolherem a janela, que dava para um teto 3 metros abaixo, de onde depois poderiam descer para o chão por uma calha cheia de pontos de apoio, lançaram da janela uma espécie de corda rudimentar feita com todos os seus lençóis amarrados. (PAZZI, 2001, p. 103).

Assim que conseguem controlar os ratos (animais e cardeais fugitivos), uma nova ameaça surge: os escorpiões. Tais animais sugerem a representação das paixões sem limites. Desse modo, é possível dizer que os escorpiões simbolizariam a ameaça do pecado da luxúria que, desde 1589, quando teólogo e bispo alemão Peter Binsfield associou cada demônio a um pecado capital, está relacionado ao demônio Asmodeus, rei de Sodoma.

Para combater mais um ataque do “inimigo invisível”, Nasali Rocca, chefe da guarda, sugere que coloquem galinhas nos prédios a fim de acabar com os escorpiões. Segundo Pastore (2009), as galinhas, na antiguidade cristã, representavam Cristo e o seu rebanho. Logo, seriam a melhor escolha para enfrentar o demônio da luxúria.

A interpretação de que a luxúria atacava o conclave na figura dos escorpiões, pode ser justificada com a cena, após o início da praga, em que Mascheroni, ao encontrar um tenente da guarda nu na sauna construída para os cardeais durante o conclave, exigir um encontro para falar sobre a segurança da eleição ainda naquela noite. Antes que o encontro acontecesse, o cardeal italiano, favorito pelos cardeais conservadores, é encontrado morto, maquiado e com uma peruca louro-escuro enquanto esperava o Tenente da Guarda Suíça.

Na cama jaz, na imobilidade da morte, o cardeal Zelindo Mascheroni, prefeito da Congregação para a doutrina da fé. Está de roupão, deitado sobre o lado esquerdo, com as mãos e os braços estendidos num esforço evidente para conseguir tocar a campainha na mesinha-de-cabeceira, a fim de pedir ajuda. Mas o rosto não é o do cardeal: é o de uma mulher ainda não completamente maquiada. As pálpebras semicerradas estão pintadas, os cílios de um olho estão escuros, uma sobrancelha delineada com lápis, as bochechas têm pó-de-arroz e foram reavivadas com *blush*, os poucos cabelos da cabeça pelada desapareceram sob uma grande peruca louro-escuro. (PAZZI, 2001, p. 142, grifo do autor).

Outro exemplo que reforça a ideia de um ataque da luxúria sobre o conclave, a fim de revelar as fraquezas escondidas dos religiosos, é o fato de Contarini, secretário de Malvezzi, e outros prelados sentirem-se atraídos pelas galinhas. Tal cenário pode ser verificado no diálogo a seguir entre Malvezzi e seu ajudante:

- Desculpe-me, Contarini, mas o que você tem contra esses pobres animais? Não quer que lhes coloquemos umas calcinhas, você sabe muito bem a que se deve a honra de sua visita nos palácios sacros.

- Mas, eminência, eminência! São mulheres, *são mulheres seminuas e nuas que foram plantadas aqui e que não param de nos tentar... não sei mais até quando conseguirei resistir! [...]*

Sempre houve algo estranho naquele bravo rapaz de passado misterioso [...] Agora vem à tona toda a sua fragilidade, a sua afetividade reprimida e problemática. (PAZZI, 2001, p. 97, grifo nosso).

Tem-se ainda a praga de morcegos, um animal “largamente conhecido como símbolo de medo e superstição. Associado à morte e à noite, pode representar, no cristianismo, idolatria ou satanismo.” (PASTORE, 2009, p. 80). Assim, o surgimento desses animais estaria associado a um ataque do submundo à Igreja, que revida ocupando os prédios com corujas. É válido destacar que a coruja, segundo Pastore (2009), trata-se de mais um animal com simbologia importante, uma vez que é considerada protetora da morte e guardiã do conhecimento e dos espíritos.

Com base nos exemplos citados acima, o estudo entende que, no quesito esforço, proposto por Eco como elemento de distinção entre os dois tipos de literatura, o romance *Conclave* (2001) pode ser considerado uma obra de *literatura de proposta*, uma vez que apresenta elementos que exigem um certo empenho na leitura e na interpretação para que a mensagem seja compreendida, como no caso dos significados ocultos para as pragas que ameaçam o conclave descrito por Pazzi.

Além disso, algumas das cenas descritas inserem-se como exemplos de narrativas da literatura fantástica, como no caso dos cardeais enfeitados por uma canção pagã ou ainda a imagem do afresco de Michelangelo sumindo do teto da Capela Sistina. No entanto, dentro de um campo tão vasto como são os estudos de literatura fantástica, a análise se atém à característica da *visionarietà*, atribuída pelos críticos às obras de Pazzi.

Assim, a obra visionária, entendida como um gênero da literatura fantástica, é aquela que possui a capacidade de criar situações e imagens fantásticas, irreais e de forte impacto visual, ou seja, a arte que “não diz respeito apenas a objetos reais, mas também e sobretudo a objetos mentais: se é imitação, é uma imitação subjetiva, vista pelo autor de forma mais ou menos original”⁴⁰ (MELONI, tradução nossa). Isto é, a obra cujo autor sente-se confortável em superar alguns limites e criar o mundo no qual ele queria viver ou que ele imagina que seja real.

Portanto, o estudo entende que, além de justificarem a obra de Pazzi (2001) como uma *literatura de proposta*, segundo o critério do esforço exigido ao leitor, os exemplos citados anteriormente, comprovam essa classificação também no quesito originalidade. Dessa forma,

⁴⁰ Traduzido do italiano: “non ha a che fare solo con oggetti reali, ma anche e soprattutto con oggetti mentali: se è imitazione è una imitazione soggettiva, vista dall’autore in modo più o meno originale”

ao considerarmos a originalidade definida pela capacidade do autor em apresentar uma nova visão de mundo ao leitor, *Conclave* (2001) encaixa-se nesse critério, uma vez que as imagens narradas ultrapassam alguns limites da realidade e criam um conclave fantasiado segundo a visão com a qual o escritor imagina a Igreja, inserindo cenas que ultrapassam alguns limites da realidade. Logo, a análise entende que a obra de Pazzi configura-se como *literatura de proposta* no que diz respeito aos dois critérios definidos por Umberto Eco.

Ainda baseada na distinção proposta por Eco (2000), o estudo entende ser possível definir *Conclave* (2016), como uma obra representativa da *literatura de entretenimento*, pois é possível perceber a predominância de aspectos relativos a esse tipo de literatura. De início, é válido considerar que as estratégias definidas por Robert Harris na composição de seu romance distanciam-se das apresentadas em *Conclave* (2001).

De acordo com Reales e Confortin (2011, p. 12),

Segundo a teoria da representação, toda a narrativa ficcional é composta de enunciados que representam os fatos ou conteúdos narrados de acordo com estratégias discursivas que mantêm ou não uma relação de contiguidade com a realidade e com os modos de outros discursos narrarem essa realidade.

Assim sendo, *Conclave* (2016) é uma narrativa em que não foi possível perceber elementos típicos da literatura fantástica, ou seja, não há a criação de imagens ou de situações irreais dentro do enredo de Harris. Pelo contrário, o escritor britânico explica as tensões por meio das revelações feitas ao cardeal Lomeli, deixando pouco espaço para dúvidas ou diferentes interpretações dos leitores.

Dessa forma, o estudo entende que o romance de Harris (2016) não apresenta o estilo visionário identificado em *Conclave* (2001). Sua estratégia é fazer uma reinterpretação dos ataques supracitados, como as pragas, as feitiçarias e a tempestade, durante o conclave que narra. Assim, as intimidações, carregadas de simbologia do livro de Pazzi (2001), dão lugar a ameaças concretas aos cristãos, reconhecíveis por grande parte dos leitores.

A situação pode ser comprovada com a inserção, na narrativa, de ataques terroristas coordenados em vários países da Europa no momento em que o catolicismo encontra-se sem um líder, como descreve o diálogo entre Lomeli, O'Malley e Mandorff.

- É muito sério?
O'Malley disse:
- É grave, Eminência.
- Já sabemos o que aconteceu?
- Parece ter sido um homem-bomba e também um carro-bomba. Na Piazza del Risorgimento. Parece que escolheram um local cheio de peregrinos. [...]
- Quantos mortos?

- Uns trinta, pelo menos. Houve também um tiroteio na igreja de San Marco Evangelista, durante uma missa.
 - Deus do céu!
- Mandorff disse:
- E também um ataque com armas de fogo em Munique, Eminência, na Frauenkirche, e uma explosão na universidade de Louvain.
- O'Malley completou:
- Estamos sob ataque por toda a Europa. (HARRIS, 2020, p. 233).

O diálogo narrado apresenta informações facilmente reconhecíveis pelos leitores, uma vez que faz referência a uma realidade, informações sobre ataques terroristas contra a Igreja, a qual pode ser vista nos noticiários. Dessa forma, é possível afirmar que a escrita de Harris se mostra muito mais comprometida com a realidade, prova disso é que os ataques sofridos pela Igreja no conclave que narra não ficam mais no campo do sobrenatural e são substituídos por ameaças reais como: os abusos sexuais, as fraudes, as estratégias do jogo político e o terrorismo descrito acima.

O aspecto de inserir informações análogas à realidade é um elemento frequente na narrativa de Harris. O autor cita ainda o vazamento de e-mails pessoais, em referência direta ao escândalo conhecido como *Vatileaks*⁴¹, insinua que Ratzinger (Bento XVI) tinha seus protegidos dentro da Cúria, menciona a renúncia de Bento XVI e o seu isolamento em um monastério, informações amplamente divulgadas, uma vez que tratam de uma das crises mais recentes enfrentadas pelo catolicismo. Harris acrescenta ainda a preocupação com novos escândalos sexuais e critica, na reflexão de Lomeli, a indiferença com que a Igreja trata as denúncias de abuso.

Lomeli voltou-se para O'Malley. Sentia-se cansado e sozinho e foi tomado de um desejo pouco frequente de desabafar.

- Às vezes, ficamos sabendo de um número excessivo de coisas, meu caro Monsenhor O'Malley. [...] Essa questão tenebrosa de fecharmos os olhos para os abusos sexuais, por exemplo... Eu estava a serviço no estrangeiro, de modo que fui poupado de qualquer envolvimento direto, graças a Deus, mas duvido que eu tivesse agido de maneira mais firme. Muitos de nossos colegas deixaram de levar a sério os depoimentos das vítimas, e se limitaram a transferir os padres responsáveis para uma paróquia diferente. (HARRIS, 2020, p. 169).

O desabafo de Lomeli pode ser interpretado como uma alusão ao fato do Papa Emérito, quando ainda era cardeal, ter investigado durante anos o padre mexicano Marcial Maciel

⁴¹ Escândalo que envolveu o vazamento de documentos secretos que revelaram a existência de uma ampla rede de corrupção, nepotismo e favoritismo relacionados aos contratos entre o Vaticano e os seus parceiros italianos, segundo Camarotti (2013).

Degollado, um abusador e esturador em série, e não tê-lo removido do seu ministério⁴². Nesse contexto, é possível afirmar que a obra de Harris (2016) tem acentuada inspiração na realidade.

Dessa forma, ainda segundo a distinção de Umberto Eco (2000), o romance de Harris pode ser definido como *literatura de entretenimento*, pois o fato de desenvolver um enredo que aborda questões próximas aos problemas reais enfrentados pela Igreja e que podem ser comprovadas pelo público leitor, característica dos enredos de *best-seller*, ratifica uma tendência da obra em reduzir o esforço na leitura. Além disso, esse aspecto auxilia na aproximação de uma relação entre leitor e texto, uma vez que a maioria das informações faz parte de uma realidade conhecida por quem lê.

Além disso, outro elemento que reforça a definição de *Conclave* (2016) como literatura de entretenimento, é que o modelo desse tipo de obra que

[...] investe no resgate de elementos clássicos (tensão, clímax, desfecho, catarse). Tais elementos são rearticulados com uma estrutura que, via de regra, lança mão dos “ganchos”, objetivando manter a tensão durante o máximo de tempo possível, adiando o clímax. (ARANHA; BATISTA, 2009, p. 125).

Tais elementos são pontos fortes na composição desse tipo de narrativa, pois exploram sistematicamente a curiosidade do leitor em busca de decifrar um enigma: no caso de *Conclave* (2016), quem seria eleito papa e quais revelações seriam necessárias para que chegassem ao escolhido. No caso da obra de Pazzi, a análise entende que o decifrar o enigma não é tão importante, pois, como já mencionado anteriormente, não há em *Conclave* (2001) revelações que comprometem as candidaturas ao papado. Enquanto isso, Harris constrói toda a sua narrativa com base em descobertas que vão, gradualmente, derrubando os favoritos à cadeira de Pedro.

Assim, a narrativa de Harris beneficia-se desse modo de compor, uma vez que o livro é escrito como se fossem capítulos de uma série televisiva, apresentando “ganchos”, como nos romances-folhetins, e com uma estrutura baseada em: tensão – afrouxamento; nova tensão – novo afrouxamento etc, prolongando a história até que se chegue ao clímax. Em *Conclave* (2016), essa estrutura é desenvolvida como se buscasse a elucidação de um crime, pois a exemplo dos romances policiais, a cada denúncia, confissão ou revelação, perde-se um candidato favorito apresentado no início da obra. Faz-se pertinente ressaltar, ainda, que a escolha para o papado não é tão surpreendente quanto a revelação final, que suscita a ideia de

⁴² Informação retirada da reportagem de Joshua J. McElwee, em 2019, e divulgada pelo **Instituto Humanitas Unisinos**.

uma Igreja enganada pelo falecido papa, uma vez que este sabia da condição de homem transexual do cardeal Benítez.

Em resumo, as exposições acima fazem com que este estudo possa afirmar que, mesmo com semelhanças perceptíveis nas leituras, *Conclave* (2001) e *Conclave* (2016) apresentam na composição das narrativas aspectos distintos que caracterizam o estilo de cada um dos autores, como é o caso da escolha dos ataques ao conclave que cada um narra ou ainda a forma como estruturam a narração. Portanto, este estudo entende não ser possível qualificar a obra de Harris como uma simples imitação de Pazzi, uma vez que o escritor britânico insere na composição de seu romance um estilo próprio.

Ultrapassando os limites da definição de Eco (2000), é preciso considerar ainda que *Conclave* (2016) foi esperado pela crítica e pela indústria editorial como um novo *best-seller* de Harris. Assim sendo, e partindo da percepção que a literatura de massa tem um modelo de produção ligado diretamente ao consumo, é preciso refletir acerca de alguns elementos que contribuem para a consolidação desse modelo de obra, dentre esses, a análise destaca o aspecto pedagógico encontrado, muitas vezes, em produções de massa.

De início, é preciso considerar que esse modelo de produção literária consolidou-se no mercado por causa das transformações sociais e econômicas geradas pela Revolução Industrial, que proporcionou uma urbanização e uma alfabetização em massa e gerou um novo público leitor. Nesse contexto, os leitores buscavam na literatura o entretenimento, com obras que privilegiassem a linguagem cotidiana, períodos curtos e enredos próximos ao que já era conhecido de seu imaginário. Assim, segundo Eliana Paz (2002), esse contexto promoveu uma democratização do acesso ao livro e à cultura.

Assim, as transformações sociais e políticas geradas por esse período de avanços tecnológicos permitiu aos escritores, dentro da estética literária do Realismo, a possibilidade de retratar o ser humano com seus vícios e virtudes, em uma narrativa que se preocupava em apresentar a realidade aos seus leitores, o que difere das personagens e das histórias idealizadas pelo Romantismo até então. Além disso,

Baseados na premissa de que o romance deveria abordar a realidade, os autores passaram a escrever narrativas cujos enredos eram inteiramente inventados – mas que pudessem ser considerados reais – ou baseados completamente ou parcialmente em suas experiências pessoais. Era importante falar do que fosse contemporâneo ao autor e ao público a qual a obra se dirigia. (HENRIQUE, 2010, p. 25).

Nesse contexto, por tratar-se de um produto dirigido a um público leitor específico, essas obras sofrem influência direta dos fatores de mercado, que é visto pelas editoras como principal

agente valorativo desse tipo de produção, e dos acontecimentos contemporâneos que instigam a curiosidade das pessoas. Além disso, apresentam alguns elementos distintivos, como o modelo de tensão e afrouxamento que perdura durante toda a narrativa ou ainda o caráter pedagógico da obra, em seu modo de compor, uma vez que buscam dar ao público informações sobre acontecimentos atuais.

De acordo Sodré (1997), um dos elementos que caracterizam os textos da literatura de massa   a sua atualidade informativo-jornalística e o seu pedagogismo. Dessa forma, faz-se relevante expor esse elemento como uma marca da composi o da narrativa de Harris, pois trata-se de mais uma disti o entre sua obra e *Conclave* (2001).

  importante ressaltar que, embora alguns críticos ainda classifiquem as produ es de literatura de massa como um gênero menor da literatura, este trabalho não pretende desvalorizar o romance estudado, mas examinar os elementos particulares desse tipo de obra, sem resvalar, contudo, em uma espécie de elitismo acad mico na análise.

Assim, a obra da literatura de massa busca informar aos leitores fatos, teorias, conceitos, inserindo-os dentro de sua narrativa, sem exigir que ele precise procurar informa es fora dos limites de sua história. Além disso, muitas dessas obras, têm a inten o clara de ensinar algo a seu público leitor, um pedagogismo que tenta responder a questões reais que são levantadas ou ainda fazer com que o leitor tenha conhecimento de informa es históricas e/ou concretas em meio ao enredo da sua obra. Se levarmos em considera o que tanto *Conclave* (2001) quanto *Conclave* (2016) propõem aos leitores reflexões pertinentes sobre a Igreja,   possível afirmar que os dois autores apresentam em seus romances esse tom pedagógico. Porém, há uma prevalência maior dessa característica na obra de Harris.

Em *Conclave* (2016), essa predominância pode ser comprovada pelo fato da atualidade informativo-jornalística manifestar-se exaustivamente nos relatos do romance, com o intuito de informar, de fazer com que o leitor tenha conhecimento dos grandes fatos da atualidade e também históricos, seguidos de explica es sobre cada um deles. Esse aspecto pode ser comprovado no trecho a seguir, no qual Harris insere um comentário sobre a elei o de João Paulo II: “- O que me diz de Wojtyla, no segundo Conclave de 1978? Ele recebeu apenas um punhado de votos na primeira vota o e, no entanto, acabou sendo eleito papa na oitava.” (HARRIS, 2020, p. 128)

Exemplos do pedagogismo de *Conclave* (2016) permeiam todo o romance, como a inser o entre parênteses da informa o que o papa Paulo VI havia introduzido um limite de idade para os cardeais votantes (p. 91). Ou ainda, a explica o para o fato das vestes dos cardeais possuirem trinta e três botões que significavam os anos de Cristo na Terra (p. 104).

Tem-se também a citação, as orientações da Constituição Apostólica para o início do conclave (p. 105). Nesse sentido, em alguns momentos, o romance de Harris aproxima-se de um texto jornalístico, como na cena em que insere informações sobre Karol Wojtyła:

Em 1978, Karol Wojtyła levou uma publicação marxista para o conclave que o elegeu papa e ficou lendo calmamente durante as longas horas necessárias para as oito votações que foram feitas. No entanto, como papa João Paulo II, não permitiu essa mesma distração aos seus sucessores. Todos os eleitores foram proibidos, pela revisão das regras feita por ele em 1996, de levar qualquer material de leitura para dentro da Capela Sistina. (HARRIS, 2020, p. 143).

Ou ainda quando cita a regularidade dos cardeais em chegarem a um consenso sobre o novo papa na quinta votação:

Nos tempos modernos, um papa era eleito em geral na quinta votação. O falecido Santo Padre, por exemplo, chegara a vitória na quinta. [...] Ratzinger vencera com uma votação a menos, quando votaram pela quarta vez; [...] João Paulo I – também vencedor na quarta rodada. De fato, a não ser por Wojtyła, a regra da quinta rodada se mantinha como um fato, retroativamente, até 1963, quando Montini derrotara Lercaro [...] (HARRIS, 2020, p.165).

Os exemplos supracitados demonstram uma linguagem mais direta, aproximando à narração de Harris da forma como são escritas as notícias em textos jornalísticos. Os trechos em que se apresentam os fatos de modo objetivo, sem espaço para reflexão, com o intuito apenas de informar, são recorrentes em *Conclave* (2016).

Harris insere também mais uma referência à eleição de Karol Wojtyła, quando menciona a sua ambição:

Wojtyła tinha sido ambicioso. Meu Deus, como ele era autoconfiante, desde o início! Na noite de sua eleição, quando surgiu no balcão para saudar as dezenas de milhares de pessoas amontoadas na Praça São Pedro, ele praticamente jogara para o lado, com o corpo, o mestre das Celebrações Litúrgicas Pontifícias, na sua ânsia de se dirigir ao mundo. (HARRIS, 2020, p. 166).

Além da renúncia de Bento XVI, como já citado anteriormente, *Conclave* (2016) faz referência também a João Paulo I e a sua vontade em recusar o papado em 1978:

Ele não queria ser papa – quanto a isso, tinha certeza. Rezou com toda a força de seu coração para ser poupado desse calvário. Pai, se for possível, afasta de mim esse cálice. E se sua prece não fosse ouvida e o cálice lhe fosse ofertado? Nesse caso, ele estava decidido pela recusa, tal como o pobre Luciani tentara fazer no fim do primeiro conclave de 1978. A recusa a assumir seu posto na Cruz era encarada como um grave pecado de egoísmo e covardia, e essa foi a razão pela qual Luciani acabou cedendo por fim, diante da insistência de seus colegas. (HARRIS, 2020, p. 224 – 225).

Faz-se necessário ressaltar ainda a atenção que Harris tem aos detalhes a fim de tornar sua obra fonte de entretenimento, mas também de conhecimento, inserindo, assim, informações concretas para seus leitores. Exemplo disso é o fato de, em sua obra, o número de cardeais votantes não chegar a 120 (limite imposto para o ritual) e também a referência feita ao fato de a cadeira de Pedro não ter há quase quarenta anos um representante italiano (o último havia sido Luciani em 1978). Essa preocupação aos detalhes não é tão nítida em Pazzi, tanto que o conclave narrado por ele inicia composto por 127 cardeais, ultrapassando, assim, o limite imposto pela Cúria para a eleição.

Tem-se ainda as inúmeras descrições dos espaços em que se passam as ações, como a Casa Santa Marta e a Capela Sistina, e a recorrente explicação do ritual de votação a cada escrutínio narrado. É possível que essas escolhas tenham sido feitas para aproximar o leitor das ações dentro dos dois edifícios, no Vaticano, enquanto estes leem e acompanham o desenrolar de sua história. Assim, para os leigos sobre o catolicismo romano, Harris apresenta em sua obra uma atmosfera de descoberta íntima dos ritos e das tradições católicas, permitindo que as repetições deem um ar de autenticidade à sua história.

Essa preocupação aos detalhes pode ser comprovada pelo fato de Harris, como dito nos agradecimentos de *Conclave* (2016), ter visitado o Vaticano, lido os Evangelhos, pesquisado o processo eleitoral e conversado com especialistas, além de ter entrevistado de modo informal um cardeal, que já havia participado de um conclave, com o intuito de inserir em sua narrativa informações precisas sobre o assunto narrado.

Como dito anteriormente, com tantas referências à história e aos acontecimentos recentes, o estudo entende que a narrativa de Harris aproxima-se, em alguns momentos, de um resumo dos conclaves anteriores, das tradições e dos acontecimentos que marcaram o catolicismo, pois os exemplos citados se caracterizam por seu compromisso em explorar a realidade e em expor informações concretas sobre o passado e/ou presente da Igreja. Além disso, insere curiosidades sobre a Igreja e os cardeais, como nas referências citadas acima sobre as eleições anteriores.

Dessa forma, a análise entende que Harris faz uso da atualidade informativo-jornalística em seu romance com intuito de fazer com que as informações estejam naturalizadas naquele contexto, apresentando, assim, uma narrativa que combina o estilo literário e o informativo. Logo, apresenta aos leitores uma obra capaz de entreter e informar.

Em contraposição, *Conclave* (2001) pode ser caracterizada como uma obra de realismo mágico. Entende-se o realismo mágico como uma corrente “[...] que tenta explorar o que está escondido por trás ou dentro das coisas e para as quais o espírito que olha é mais importante do

que a coisa vista.”⁴⁵ (MONEGAL, 1976, p. 179, tradução nossa). Dessa forma, a obra de realismo mágico é composta por meio de uma troca constante entre ficção e realidade, a ponto de uma confundir-se com a outra. Logo, esse tipo de criação literária seria entendida como um processo de transfiguração, do qual resultaria “uma plenitude de sugestões e associações na alternância do fantástico e do real”. (JOZEF, 1974, p. 46)

Levando em consideração o conceito supracitado, as cenas de Pazzi (2001) descritas anteriormente em que há a alternância entre fatos reais e situações que ultrapassam os limites da realidade e o fato das personagens agirem com naturalidade em meio a esses elementos fantásticos, o estudo entende que há uma predominância do realismo mágico na narrativa de *Conclave* (2001) em oposição à prevalência da atualidade informativo-jornalística de Harris (2016).

Além disso, outro elemento que aproxima *Conclave* (2016) da definição de literatura de entretenimento é o curso linear da ação nos fatos narrados, Harris apresenta uma sequência lógica de início, meio e fim, na qual se desenrolam os fatos da história, linearidade que auxilia na diminuição de esforço do leitor. Além disso, se levarmos em consideração que várias obras do escritor britânico foram adaptadas para o cinema, como *Munique*, *O Escritor Fantasma*, *Enigma*, a escolha pode justificar-se ainda na possibilidade de *Conclave* (2016) também ser transformado em filme.

Segundo Aranha e Batista (2009), a sequência linear

[...] é determinante para a maior facilidade de adaptações das obras de entretenimento para outros suportes, tais como o cinema, tendo em vista que o investimento primordial dos *best-sellers* está no enredo, em desfavor da exploração da originalidade e do esforço no uso da linguagem, como se dá na literatura de proposta. (p.127).

Assim, mesmo que não seja possível uma classificação categórica, pois as obras também apresentam semelhanças, o estudo entende que *Conclave*, de Pazzi, apresenta elementos que o aproximam mais da literatura de proposta e o *Conclave*, de Harris, possui mais traços característicos da literatura de entretenimento.

Portanto, com base no exposto neste capítulo, é possível afirmar que, ao compartilhar características afins, no que diz respeito à escolha do assunto, às preferências sobre o modo de narrar, sobre a composição das personagens protagonistas, sobre as alas ideológicas que representam as diferenças que compõem a Igreja, sobre o uso do afresco de Michelangelo como

⁴⁵ Traduzido do espanhol: “[...] que intenta explorar lo que está escondido detrás o dentro de las cosas y para la cual el espíritu que mira es más importante que la cosa mirada”

elemento transformador etc, a obra de Harris tem nítida influência do romance antecessor, *Conclave* (2001), de Roberto Pazzi.

No entanto, também é possível observar que *Conclave* (2016) apresenta elementos que se distanciam da obra de Pazzi, deixando evidente para os leitores o estilo de seu autor: como é o caso da inserção da atualidade informativo-jornalística, da sequência narrativa ancorada na relação tensão – afrouxamento, no caráter investigativo e na escolha de um final que surpreende o leitor mais que as revelações que haviam sido feitas até então.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação preliminar para a realização desta pesquisa se deu após a leitura do romance *Conclave* (2001), de Roberto Pazzi. A narrativa elaborada pelo escritor italiano em meio à eleição de um novo papa chamou a atenção pelas imagens incomuns de se imaginar que pudessem acontecer dentro do Vaticano, como os cardeais nus em uma sauna construída em meio ao conclave. De início, a leitura da obra de Pazzi já deixou transparecer que o escritor utilizou a literatura para apresentar o alto escalão do catolicismo como aquilo que realmente são: seres humanos.

Após essa leitura, a descoberta da obra homônima de Robert Harris provocou o desejo de descobrir como o escritor britânico teria elaborado uma narração sobre o mesmo assunto, depois de anos tão conturbados para Santa Sé entre a morte de São João Paulo II e a eleição de Francisco I. A leitura de *Conclave* (2016) proporcionou uma nova visão da temática, pois apresenta a eleição como uma espécie de investigação criminal, expondo aos leitores todas as confabulações e as disputas da Cúria romana.

Além de serem narrativas envolventes, cada uma a seu estilo, o assunto retratado pelos escritores despertou ainda uma certa curiosidade, uma vez que, para os não vaticanistas, ou seja, aqueles que não estudam o Vaticano, descobrir a intimidade dos ritos e das tradições de uma instituição secular é algo que exerce fascínio. Assim, tanto a temática quanto as narrativas elaboradas sobre ela ajudaram a pensar nessa análise comparativa.

Durante este estudo foi possível perceber algumas semelhanças, que foram apontadas como influências, entre as duas narrativas. Destaca-se, assim, a quantidade de elementos que aproximam a obra de Harris de *Conclave* (2001), tanto que se propôs a possibilidade de *Conclave* (2016) ser uma sequência da obra de Pazzi, o que não pôde ser comprovado.

Um exemplo a ser citado, é o fato de ambos inserirem discussões muito pertinentes para a modernidade que ainda são silenciadas pelo catolicismo. Assim, ao discutirem o celibato clerical, a intolerância religiosa, o radicalismo e, principalmente, a condição da mulher dentro da religião católica, os dois romances proporcionam aos leitores uma reflexão e acabam por apresentar uma proposta de reforma na Cúria romana. Na realidade, é como se os autores informassem, por meio de suas obras literárias, sobre a necessidade dessa renovação para a Igreja Católica.

No entanto, também foi possível perceber alguns distanciamentos entre as obras. Uma interpretação deste estudo foi que os objetivos pretendidos pelos escritores foram diferentes, uma vez que é possível defender que o romance de Pazzi busca uma reflexão ampla da condição

humana, com seus vícios e virtudes. Enquanto isso, Harris demonstra-se mais focado em uma investigação minuciosa sobre as relações entre os poderosos cardeais em meio a uma disputa política.

No aspecto das distinções, é preciso considerar as reinterpretações elaboradas por Robert Harris em sua narrativa, como no caso dos ataques ao conclave. A análise percebeu que Pazzi apresentou ataques à Igreja por meio de metáforas enquanto Harris escolheu abordar conflitos reais e atuais para o catolicismo, como é caso da perseguição aos cristãos no Oriente Médio e dos ataques terroristas.

É preciso ressaltar também a habilidade do escritor britânico de inserir as informações históricas e as descrições dos edifícios e das obras de arte dentro do seu enredo. Assim sendo, *Conclave* (2016) apresenta-nos não só as artimanhas e as disputas proporcionadas pela eleição, mas também nos revela fatos históricos, informações sobre conclaves anteriores e curiosidades, como no caso da citação ao fato das vestes dos religiosos possuírem 33 botões que representariam os anos que Cristo viveu na Terra. Logo, Harris faz uma espécie de resumo sobre a história dessa instituição secular.

Enquanto isso, embora também faça inserções sobre de informações relativas à história da Igreja, a recorrência desse elemento em Pazzi é muito menor. Assim, é possível interpretar que *Conclave* (2001) tem uma maior preocupação em demonstrar como a condição do isolamento, seja no Vaticano ou em um hospital de Roma, possibilitam a quem o vivencia reflexões que a agilidade, a rotina, as cobranças, as inseguranças do dia a dia não nos permitem ter.

Ademais, foi possível perceber, como leitora, que o envolvimento com as narrativas se dá de forma distinta. Em *Conclave* (2001), a espera é pela nova reflexão, pelo próximo cardeal que será apresentado, pela próxima cena incomum, pelo próximo ataque e por entender que, embora trate-se de uma instituição secular, a Igreja também precisa ser reconhecida como humana, principalmente, perante aos cristãos. Já em *Conclave* (2016), a expectativa é gerada pela decifração do enigma, aguardando sempre uma nova recompensa e qual será o próximo favorito ao cargo, em meio às descrições sobre as disputas ideológicas e políticas.

Dessa forma, a análise entende que as obras estudadas possuem muitos pontos afins, mas compreende que cada escritor conseguiu inserir um estilo próprio, o que invalida a ideia de *Conclave* (2016) ser definido como uma imitação do romance de Pazzi, uma vez que Harris fez reinterpretações e compôs uma narrativa que apresenta elementos que o caracterizam como um autor de *best-seller*. Tem-se, então, duas obras literárias que ao tratarem sobre o mesmo assunto, escolhem abordagens distintas

Por fim, o estudo interpreta, ainda, que a maior distinção entre os romances é o objetivo pretendido, pois as releituras e as análises permitem propor que *Conclave* (2016) quis apresentar uma “fotografia” das relações políticas em um cenário diferente, o Vaticano, enquanto *Conclave* (2001) buscou expor uma Igreja humanizada, sem a carga de divindade e infalibilidade que esta divulga possuir ao longo de sua história. Assim, é possível afirmar que, embora com o mesmo “pano de fundo”, Harris nos apresentou o lado político e Pazzi o lado frágil e falível da instituição que afirma representar Cristo na Terra.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, John L. **Conclave**: a política, as personalidades e o processo da próxima eleição papal. Tradução de Maria Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ALÓS, Anselmo Peres. Literatura Comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas. **Organon**, Porto Alegre, v. 27, n. 52, p.1-18, 2012.
- ALÓS, Anselmo Peres. Texto literário, texto cultural, intertextualidade. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel**, Novo Hamburgo, v. 4, n. 6, p. 1-25, 2006.
- ARANHA, Gláucio; BATISTA, Fernanda. Literatura de massa e de mercado. **Contracampo**, Niterói, n. 20, p. 121-131, ago. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17183>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- ASSIS, Dom Raymundo Damasceno. 'Quem entra papa sai cardeal', diz arcebispo brasileiro sobre conclave. [Entrevista concedida a] Vagner Magalhães. **Portal Terra**, São Paulo, fev. 2013. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/renuncia-do-papa/quem-entra-papa-sai-cardeal-diz-arcebispo-brasileiro-sobre-conclave.html>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- AZEVEDO, Dermi. Desafios estratégicos da Igreja Católica. **Lua Nova**: revista de cultura e política, São Paulo, n. 60, p. 57-79, 2003.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg; Revisão: Alice Kyoko Miyashiro. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981. 126 p.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. revisada e ampliada São Paulo: Ática, 2006.
- CIONARESCU, Alejandro. **Princípios de literatura comparada**. Tenerife: Universidad de la Laguna, 1964.
- CORRALES, Luciano. A intertextualidade e suas origens. *In*: SEMANA DE LETRAS DA PUCRS, 10., 2010, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Pucrs, 2010.
- CRESQUI, Candice. História e ficção na construção de narrativas ficcionais: O caso da minissérie Anos rebeldes. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23., 2009, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. p. 1 - 16.
- CULLER, Jonathan. “A Literariedade”. *In*: ANGENOT, Marc *et ali*. **Teoria literaria**. Madrid: Siglo Veintiuno Editores: 1993. p. 36-50.

D'ESPOSITO, Fabrizio. Ci vuole un Conclave per vendicare le donne. **Il Fatto Quotidiano**, Roma, 12 out. 2016. Disponível em: <https://www.ilfattoquotidiano.it/in-edicola/articoli/2016/10/12/ci-vuole-un-conclave-per-vendicare-le-donne/>. Acesso em: 18 out. 2019.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. 19. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FARIA, Gentil de. **Estudos de literatura comparada**. Curitiba: Appris, 2019. 351 p.

FAGGIOLI, Massimo. Conclave 2013: preludio per un concilio? **HuffPost Italia**, Roma, 6 maio 2013. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.it/massimo-faggioli/conclave-2013-preludio-per-un-concilio.html>. Acesso em: 20 fev. 2021.

FELLET, João. Papa chegará a Cuba visto como 'herói' de aproximação com EUA. **BBC Brasil**, 18 set. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150917_papa_cuba_jf_cc. Acesso em: 30 dez. 2020.

FIGUEIREDO, José. Teoria da literatura: o que é e para que serve? **Homo Literatus**, set. 2014. Disponível em: <https://homoliteratus.com/teoria-da-literatura-o-que-e-e-para-que-serve/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FRANCISCO, Fabrice Teixeira. **Entre a representação (pseudo-)histórica e a reavistação crítica dos alicerces do cristianismo: o Vangelo di Giuda de Roberto Pazzi**. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Faculdade de Coimbra, Coimbra, 2011.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003. p. 33-56.

FREITAS JÚNIOR, Dário Taciano de. **O simbolismo animal medieval: um safári literário em Moacyr Scliar e Manoel de Barros**. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. **Seção Arquivo**, n. 53, p. 166 - 182, 2002. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/n53/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

FRIEDMAN, Vanessa. Robert Harris's Thriller Goes Inside the Vatican. **The New York Times**, New York, 1 Dec. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/12/01/books/review/robert-harris-conclave.html>. Acesso em: 1 ago. 2019.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar uma narrativa**. São Paulo: Ática, 1997.

GIRON, Luís Antônio. Robert Harris: Meu objetivo é dar vida ao passado. **Isto é**, São Paulo, 21 abr. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/robert-harris-meu-objetivo-e-dar-vida-ao-passado/>. Acesso em: 1 ago. 2019.

GOBBI, Roger. Nem tão diferentes assim... **Segredos do Vaticano**, Bauru, v.1 n. 2, p. 13 -16, 2015.

HARRIS, Robert. **Conclave**. Tradução de Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020. 269 p.

HARRIS, Robert. **Conclave**. Tradução de: Annamaria Raffo. Milão: Mondadori, 2016. 186 p.

HENRIQUE, Halime Musser Prado. **Best-seller**: a história de um gênero. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2010. 100 p.

JOZEF, Bella. Borges: linguagem e metalinguagem. *In*: JOZEF, Bella. **O espaço reconquistado**. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 92 - 101.

KRISTEVA, Julia. **Semiótica do romance**. 2. ed. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, 1978.

LAMB, Christopher. **Por que os opositores do papa podem se arrepender de um novo conclave**. Tradução de Moisés Sbardelotto. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 26 abr. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588639-por-que-os-opositores-do-papa-podem-se-arrepender-de-um-novo->. Acesso em: 22 dez. 2020.

LEITE, Lígia Chiapinni Moraes. **O foco narrativo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1989.

LOPES, Paula Cristina. **Linguagem literária e linguagem jornalística**: cumplicidades e distâncias. Lisboa: Bocc, 2010. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php. Acesso em: 12 jan. 2020.

MACHADO, Fernanda. **Igreja católica**: na Idade Média, essa instituição ganhou força política. [S. l.], 13 dez. 2013. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/igreja-catolica-1-na-idade-media-essa-instituicao-ganhou-forca-politica.htm>. Acesso em: 17 out. 2019.

MACHADO, Michelli. A reconstrução de figuras históricas em obras de ficção. *In*: ALCAR – ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Ufrs, 2015. p. 1-14.

MELONI, Valentina. Breve saggio sulla visionarietà della letteratura, nella letteratura. **Rivista Diwali**, [s. l.], v. 2, p. 45 - 56, 19 dez. 2010. Disponível em: <http://www.rivistadiwali.it/breve-saggio-sulla-visionarieta-della-letteratura-nella-letteratura/>. Acesso em: 3 jan. 2021.

MONEGAL, Emir Rodríguez. **Borges por él mismo**. Caracas: Monte Ávila Editores, 1980.

MORAES, Mônica Regina. **A importância do estudo dos elementos da narrativa para a compreensão de textos literários**. 2008. 27 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Curso de Língua Portuguesa, Faculdade de Educação São Luís, Jaboticabal, 2008.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. São Paulo: Edusp, 2010.

PASTORE, Paula Christina Falcão. **A simbologia dos animais em expressões idiomáticas inglês/português: uma proposta de lexicográfica.** 2009. 222 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

PAZZI, Roberto. **Conclave.** Tradução de: Ana Thereza B. Vieira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 253 p.

PAZZI, Roberto. **Conclave.** Siena: Barbera Editore, 2011. 267 p.

RABONI, Giovanni. Prefácio. *In:* PAZZI, Roberto. **À procura do imperador.** Tradução de Edite Caetano. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988. p. 9-12.

REALES, Liliana; CONFORTIN, Rogério de Souza. **Introdução aos estudos da narrativa.** Florianópolis: UFSC, 2011. 106 p.

RUSSO, Denis. O papa e a história. **Superinteressante**, São Paulo, 31 out. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-papa-e-a-historia/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

SANSOM, Ian. Conclave by Robert Harris review – a triumphant Vatican showdown. **Book of the day – The Guardian**, Londres, 24 set. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2016/sep/24/conclave-by-robert-harris-review>. Acesso em: 1 ago. 2019.

SILVA, João Amadeu Carvalho da. *et ali.* **Pensar a literatura no século XXI.** Braga: Axioma, 2011.

SILVA, Severino Vicente da. A Igreja Católica no início do Terceiro Milênio. **Revista de teologia e ciências da religião**, Recife, v. 3, n. 1, p. 9-31, dez. 2013.

SILVA, Yara dos Santos Augusto. Considerações sobre o gênero romance policial e a obra O Crime da Gávea, de Marcilio Moraes. **Terra Roxa e outras terras: revista de estudos literários**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 96-106, jun. 2009.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller: a literatura de mercado.** São Paulo: Ática, 1997.

STEINFELS, Margaret O'Brien. Holy Smoke. **The Washington Post**. Washington, 1 jun. 2003. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/entertainment/books/2003/06/01/holy-smoke/a9be8222-780d-48df-85fe-da3167f54731/>. Acesso em: 1 ago. 2019.